



**Instituto Superior de Psicologia Aplicada**

**COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS E DE OPOSIÇÃO  
EM PRÉ-ADOLESCENTES**

Estudo Comparativo entre géneros

**Cláudia Inez Pequito Candeias**

**10992**

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia**

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS E DE OPOSIÇÃO  
EM PRÉ-ADOLESCENTES**

Estudo Comparativo entre géneros

**Cláudia Inez Pequito Candeias**

Dissertação orientada por Professora Doutora Ângela Vila Real

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia**

Especialidade em Psicologia Clínica

**2009**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Ângela Vila Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## **Agradecimentos**

Ao concluir este trabalho de investigação, não poderia deixar de manifestar a minha gratidão pelas pessoas que de alguma forma manifestaram apoio, e que contribuíram para a realização do mesmo.

Começo por agradecer às escolas e respectivos directores o facto de terem possibilitado a recolha de dados para a investigação, bem como aos professores, pela disponibilidade e simpatia, que demonstraram ao facultar o tempo e o espaço necessários para o preenchimento dos questionários por parte de seus alunos.

Não poderia deixar de agradecer a todos os alunos que participaram nesta investigação e, aos seus familiares por terem dado autorização, pois sem eles não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço à Professora Doutora Ângela Vila Real Silva por todo o seu conhecimento e ensinamentos, por toda a sua inteira disponibilidade, preocupação, responsabilidade e profissionalismo sempre presentes.

Agradeço à minha família, pelo apoio incondicional que demonstraram, principalmente nesta última fase, sem o qual o percurso teria sido muito mais difícil.

Aos meus pais que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis, que acreditaram em mim, e demonstraram o seu carinho sem limites.

Ao meu irmão Gonçalo, pela sua presença constante.

À minha Tia Zé, pelo exemplo de força, por ter possibilitado a minha formação, e pelo apoio e preocupação.

À minha Tia Amália e ao meu primo João, pela força, carinho e constante preocupação.

Por último agradeço a dois grandes amigos, que dão significado à palavra amizade.

À Bárbara, pelo seu carinho, pela sua bondade, amizade, e disponibilidade constantes.

Ao Gonçalo, pela sua dedicação e força nos momentos difíceis.



## Resumo

A presente investigação quantitativa tem como objectivo determinar se existem diferenças entre rapazes e raparigas pré-adolescentes, quanto aos comportamentos agressivos, de oposição, e de externalização, referidos pelos próprios jovens. Procurámos também averiguar se existe alguma evolução destes mesmos comportamentos, dentro de cada género, durante o período da pré-adolescência.

Para tal, administrou-se o questionário de competências sociais e de problemas de comportamento para adolescentes dos onze aos dezoito anos (original *Youth Self-Report for ages 11-18*, de Achenbach & Rescorla, 2001). Tal como o nome original indica, (“self-report”), este questionário é um método de auto-avaliação, sendo os jovens a relatar os seus próprios comportamentos.

Para a concretização deste estudo, constituiu-se uma amostra total de 313 pré-adolescentes (154 rapazes, e 159 raparigas) com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. A recolha dos dados foi efectuada em escolas públicas dos concelhos de Oeiras, Lisboa, Almada, Portimão e Lagos.

Os resultados encontrados vão no sentido de confirmar que existem diferenças significativas entre géneros, relativamente aos comportamentos de externalização e de oposição. No entanto, para a subescala comportamentos agressivos não foram encontradas diferenças significativas entre géneros. Observámos que o aumento da idade é geralmente acompanhado por um aumento no relato dos comportamentos estudados.

***Palavras-chave:*** *Pré-adolescência, comportamentos agressivos, comportamentos de oposição, problemas de externalização, “Youth Self-Report”.*

## Abstract

This paper is a quantitative investigation with the goal of studying the differences between boys and girls on early adolescence in aggressive, rule-breaking and externalizing behaviours analysing their in self reports. It was also a goal for this investigation the search for an increase relation between the reporting externalizing problems and age in early adolescence for both genders.

We used a questionnaire for social competences and behavioural problems for adolescents between eleven and eighteen years old, originally named “Youth Self Report for ages 11-18 of Achenbach and Rescorla, 2001). As the original name shows this is a self reporting method, where the adolescents do they own behaviour evaluation.

For the realization of this study we built a sample of 313 early adolescents (154 boys and 159 girls) with ages between eleven and 14 years old. Data where recollected in public schools in Oeiras, Lisboa, Almada, Portimão e Lagos.

The results had shown once more the differences between girls and boys in the externalizing and breaking behaviours. Despite those contrasts, we didn't find any evidence to reject the equality between genders in aggressive behaviours. We also identified a positive relation between age and self reports of the analysed behaviours.

**Key words:** *Early adolescence, aggressive behaviours, rule-breaking behaviours, externalizing problems, Youth Self-Report.*

## Índice

Introdução .....	1
Problemas de externalização .....	3
Agressividade .....	6
Agressividade – Breves Contribuições da Teoria Psicanalítica .....	7
Puberdade e Pré-adolescência .....	11
Comportamento Agressivo na Adolescência .....	15
Diferenças entre géneros na Adolescência .....	17
Estudos Recentes .....	19
Formulação do Problema .....	20
Hipóteses e Variáveis .....	21
Método .....	23
Delineamento .....	23
Participantes .....	23
Instrumento .....	24
Caracterização do instrumento .....	25
Procedimento .....	26
Análise dos Resultados .....	29
Teste Normalidade .....	30
Comparação entre Géneros .....	31
Comportamentos Agressivos .....	31
Comportamentos de Oposição .....	32
Comportamentos de Externalização .....	33
Comparação entre idades dentro do mesmo Género .....	34
Comportamentos Agressivos em rapazes .....	34
Comportamentos de Oposição em rapazes .....	35
Comportamentos de Externalização em rapazes .....	38
Comportamentos Agressivos em raparigas .....	40
Comportamentos de Oposição em raparigas .....	41
Comportamentos de Externalização em raparigas .....	43
Discussão .....	44
Conclusão .....	49



Referências Bibliográficas .....	52
Anexos .....	59
Anexo A .....	60
Anexo B .....	65
Anexo C .....	67
Anexo D .....	68
Anexo E .....	69
Anexo F .....	70
Anexo G .....	74
Anexo H .....	76
Anexo I .....	77
Anexo J .....	80
Anexo K .....	81
Anexo L .....	84
Anexo M .....	90

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1	- Distribuição da amostra em função do género e da idade
Tabela 2	- Teste Normalidade das variáveis comportamentos agressivos, de oposição, e de externalização
Tabela 3	- Teste Mann-Whitney para comparação de géneros na variável comportamentos agressivos
Tabela 4	- Teste Mann-Whitney para comparação de géneros na variável comportamentos de oposição
Tabela 5	- Teste Mann-Whitney para comparação de géneros na variável comportamentos de externalização
Tabela 6	- Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género masculino na variável comportamentos agressivos
Tabela 7	- Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género masculino na variável comportamentos de oposição
Tabela 8	- Testes Mann-Whitney para comparação de idades, dentro do género masculino
Tabela 9	- Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género masculino na variável comportamentos de externalização
Tabela 10	- Testes Mann-Whitney para comparação de idades, dentro do género masculino
Tabela 11	- Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género feminino na variável comportamentos agressivos
Tabela 12	- Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género feminino na variável comportamentos de oposição
Tabela 13	- Testes Mann-Whitney para comparação de idades, dentro do género feminino
Tabela 14	- Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género feminino na variável comportamentos de externalização

## **Lista de Figuras**

- Figura 1 - Médias dos Comportamentos de oposição em rapazes e raparigas
- Figura 2 - Médias dos Comportamentos de externalização em rapazes e raparigas
- Figura 3 - Médias dos Comportamentos de oposição em rapazes tendo em conta a idade
- Figura 4 - Médias dos Comportamentos de externalização em rapazes tendo em conta a idade
- Figura 5 - Médias dos Comportamentos de oposição em raparigas tendo em conta a idade

## INTRODUÇÃO

O interesse e a preocupação da população em geral, e de especialistas em particular, relativamente a temas como comportamentos agressivos, comportamentos de oposição/desafiantes, problemas de conduta, não se encerram nos dias de hoje. Debatidos há muito, são temas que foram explorados por inúmeros autores ao longo da história. No âmbito da Psicologia, a literatura exhibe um vasto leque de perspectivas e “causas” sobre estes mesmos temas.

Cada vez mais surgem algumas “queixas” oriundas de diferentes direcções, designadamente das escolas, dos próprios pais e da sociedade em geral, quanto a crianças e adolescentes agressivos, opositores, denominados como “mal-educados” e descritos pelo seu carácter impulsivo e imprevisível. São cada vez mais frequentes notícias que envolvem jovens adolescentes em actos agressivos, como por exemplo nas escolas onde situações de conflito terminam em agressão, tanto contra colegas, como funcionários e mesmo professores.

Apesar da actualidade e da relevância social, que se impõe aos temas como os distúrbios de comportamento agidos e de externalização que ocorrem durante a adolescência, não foi possível ter acesso a estatísticas relativamente a estes comportamentos. As estatísticas disponíveis, que referem comportamentos agressivos ou de oposição, estão associadas a quadros de delinquência juvenil. No entanto, apesar da ligação entre os constructos não pretendemos explorar o tema da delinquência juvenil neste trabalho.

O crescimento de diversos comportamentos anti-sociais ao longo da adolescência, tem despertado um forte interesse das ciências sociais e humanas. Esta é considerada uma das questões incontornáveis para quem estuda o desenvolvimento. Sendo também uma inquietação para muitos pais o envolvimento dos seus educandos neste tipo de comportamentos, sejam estes de cariz mais ou menos grave. Este tipo de conduta torna-se assim significativo não apenas pelos prejuízos que, eventualmente, provocam no imediato (e aos quais a sociedade em geral é mais sensível), mas também, e a longo prazo, pelo que podem implicar no comprometimento do desenvolvimento do adolescente.

As perturbações de comportamento que surgem na adolescência, não podem ser explicadas sem se ter em conta as diferenças de género e de idade. Na maioria dos estudos

revistos, o género é por norma uma das variáveis analisadas (Fonseca e cols. 1995; Abad, Forns & Gómez, 2002; Nouchka, van der Ende & Verhulst, 2008).

É precisamente neste contexto que surge este estudo. Concretamente, procurámos indagar a existência de diferenças entre rapazes e raparigas pré-adolescentes, no que diz respeito aos comportamentos agressivos, de oposição e de externalização, referidos pelos próprios. Pretendemos também averiguar se existem diferenças durante este período, dentro de cada género, e se se verifica alguma evolução deste tipo de comportamentos. Para tal, utilizámos um método de auto-avaliação “self-report”, que consiste em obter informação, relatada pelo próprio, sobre os seus comportamentos, durante um período determinado de tempo (nos últimos 6 meses). Tendo em conta, que a maior parte dos comportamentos agressivos e das transgressões podem ocorrer longe da vista dos pais e professores, este tipo de método de auto-avaliação surge como o único meio de chegar ao seu conhecimento. Assim, obtemos informação sobre o comportamento dos jovens em diversos contextos, algo que não aconteceria se a informação fosse referida apenas pelos pais ou professores, pois esta referir-se-ia apenas a situações específicas (e.g. a casa ou à escola) (Fonseca et al. 1995).

Procurámos afixar um suporte teórico coerente, respeitando maioritariamente uma abordagem dinâmica, onde se foca a questão da agressividade, dos comportamentos agressivos e de oposição durante a adolescência, com todas as temáticas que lhe subjaz. Deste modo, no corpo teórico deste trabalho pretendemos esclarecer e principalmente distinguir alguns termos, que segundo a literatura, se cruzam e por vezes se confundem dentro de uma grande dimensão que aparenta ser os comportamentos de externalização. Com o intuito de melhor compreender os jovens que constituíram a população alvo do estudo, descrevemos a fase em que estes se encontram. Assim, abordámos os temas da puberdade e da pré-adolescência salientando as alterações físicas, e principalmente psicológicas, que as caracterizam. Levando em consideração o objectivo central desta investigação, analisámos as diferenças entre género, quanto à ocorrência de comportamentos de externalização. Relativamente a estas discrepâncias, os estudos revistos são unânimes em considerar que apesar de surgirem alterações nos últimos anos, as raparigas relatam significativamente menos comportamentos agressivos, de oposição, e de externalização que os rapazes (Roussos, 2001; Abad, Forns & Gómez, 2002; Sandoval, Lemos, Vallejo, 2006).

Este estudo insere-se numa investigação de maior dimensão. Por conseguinte, a escolha do método utilizado, prendeu-se com isso mesmo. Deste modo, trabalhámos com uma das

escalas produzidas por Achenbach, autor do instrumento mundialmente mais utilizado para aferir problemas de comportamento em crianças e adolescentes, ou seja, o questionário de auto-avaliação para jovens – YSR de Achenbach & Rescorla (2001).

### Problemas de Externalização

A partir de uma aproximação dimensional à psicopatologia, e de análises multivariadas realizadas em inúmeros estudos, sobre problemas emocionais e comportamentais de crianças, destacaram-se evidências na distinção de duas grandes dimensões de dificuldades, que podem surgir durante o desenvolvimento. Assim, ao longo dos anos, os problemas observados em crianças e adolescentes foram denominados como “Problemas de personalidade vs. Problemas de conduta” por Peterson (1961); “Internalização vs. Externalização” por Achenbach (1965,1966); e “Inibição vs. Agressão” por Miller (1967) (in Achenbach & Rescorla, 2001). O interesse desta distinção entre problemas de internalização e de externalização, baseia-se no facto destes grupos conseguirem englobar, em cada um deles, um grande número de questões sintomáticas. Os primeiros envolvem a ansiedade, o retraimento social, a depressão e as queixas somáticas, e reflectem formas de adaptação ao meio ambiente que causam desconforto interno, enquanto os problemas de externalização se podem caracterizar por demonstrações de “acting out”, também ligados à manifestação da agressividade, impulsividade, e comportamentos de oposição, dando origem a conflitos com os outros (Achenbach & Edelbroch, 1978).

Uma revisão da literatura revela alguma falta de consenso, relativamente às nomenclaturas utilizadas para nomear os problemas comportamentais de externalização, bem como os transtornos que lhe estão subjacentes. A unanimidade concernente a estas análises passa por abranger na mesma categoria de nomenclatura as condutas excessivamente desafiadoras, os transtornos de conduta como a agressividade dirigida a outras pessoas e mesmo a animais, e os comportamentos transgressores dirigidos ao meio ambiente onde a criança/adolescente se insere.

Os problemas de externalização envolvem diferentes comportamentos anti-sociais (Pacheco et al., 2005).

De acordo com alguns autores (Horwitz & White, 1987; Achenbach 1991; Huselid & Cooper, 1984; Achenbach & Rescorla, 2001), os sintomas de externalização abrangem comportamentos agressivos, delinquência e transtornos de conduta, sendo que, este último constructo envolve os comportamentos de oposição/desafiantes.

Segundo Steinberg (2008), os problemas de externalização durante a adolescência distinguem-se entre três principais categorias: transtornos de conduta, agressão e transgressões juvenis. Embora estas três classes de problemas estejam altamente inter-relacionadas, as suas definições são substancialmente diferentes.

O transtorno de conduta, uma das categorias dos comportamentos de externalização, é um diagnóstico clínico que se refere a um padrão repetitivo e persistente de conduta anti-social em que os direitos do outro, e as normas sociais apropriadas para a idade, se encontram violadas. Como resultado deste comportamento, o jovem enfrenta dificuldades nas suas relações sociais, no seio da família, e na escola (Farrington, 2004). De acordo com Steinberg (2008), o transtorno desafiador opositivo, aparentemente menos grave, enquadra-se também nesta categoria. Caracteriza-se, essencialmente, por um padrão de comportamentos impacientes, vingativos e hostis, deliberadamente desafiantes, onde se acentua uma postura de recusa ao cumprimento das solicitações de adultos ou de figuras de autoridade, assim como uma pautada dificuldade em assumir os próprios erros. Em suma, acções que manifestam uma clara intenção de incomodar outras pessoas, bem como a presença de um discurso argumentativo, de comportamentos rancorosos, enraivecidos, mas não necessariamente agressivos (APA, 2002; Farrington, 2004).

A agressão, designada como um comportamento realizado com o intuito de prejudicar intencionalmente alguém, é um termo bastante amplo que inclui combate físico, agressão relacional, intimidação, podendo manifestar-se de forma prevista (“instrumental”), ou de forma não planeada (“reactiva”) (Steinberg, 2008).

As transgressões juvenis, outra das principais categorias dos comportamentos de externalização (Steinberg, 2008), incluem a delinquência juvenil, isto é, acções que infringem o código penal e que são cometidos por menores de idade. Ao contrário do transtorno de conduta e da agressão, que são definidos em termos de comportamento, a delinquência é definida também em termos legais. Segundo o autor, uma grande percentagem dos jovens que revelam este tipo de transgressões, apresentam também transtornos de conduta e manifestações agressivas. Contudo, o contrário já não se verifica da mesma forma, ou seja,

nem todos os adolescentes com transtornos de conduta e com comportamentos agressivos são delinquentes. Esta concepção, poderá servir de alerta para a necessidade de prudência, no que diz respeito aos “prognósticos” realizados algumas vezes pela sociedade leiga, principalmente quando falamos de comportamentos desajustados em adolescentes (Steinberg, 2008).

Os temas centrais deste estudo, os comportamentos agressivos, de oposição, e de externalização, entrelaçam-se na literatura e também por vezes na prática com outros temas análogos. Assim, expressões como “comportamento anti-social”, “problemas de conduta”, “comportamento agressivo”, “delinquência”, ou “problemas de externalização” surgem por vezes na bibliografia, e principalmente no senso comum, como sinónimos e aplicados muitas vezes de forma indiscriminada. No entanto, os termos supra mencionados, cruzam-se de forma vincada na sua representação, ao designarem no geral: “comportamentos que implicam incómodo no contexto familiar, escolar e social”. Contudo, referem-se a manifestações comportamentais bastante distintas em relação ao seu carácter funcional, à gravidade das suas consequências e ao prognóstico que sugerem (Lambert, Wahler, Andrade & Bickman, 2001).

Parece importante referir, que neste estudo não se pretende explorar o tema da delinquência, que à luz da literatura revisada, muito se cruza com os constructos tratados. Apesar da delinquência juvenil ser objecto de grande importância na área da psicologia, é um tema que a transcende e que remete também para o campo jurídico. Devido ao facto, de a delinquência juvenil ser muitas vezes cenário de inúmeras investigações, tentámos passar “ao lado” do tema. Deste modo, propusemo-nos a abordar os comportamentos agressivos, os comportamentos de oposição, bem como os comportamentos de externalização, que apesar do desconforto que podem causar na sociedade, e do facto de serem por vezes indicadores de outros problemas, (Fonseca, 2002), parecem ser algumas vezes descurados da investigação, principalmente da investigação de populações não clínicas.

Em suma, embora os termos de referência para os problemas de comportamento acima mencionados sejam distintos, eles estão fortemente correlacionados, descrevendo por vezes comportamentos intimamente semelhantes.



## Agressividade

Sendo a agressividade um dos instintos básicos do ser humano, podemos encontrar dois pólos antagónicos, embora correlacionados, deste tipo de comportamento. Se por um lado a agressividade pode ser adaptativa, como forma de garantir a sobrevivência, por outro, quando presente numa escala elevada, pode tornar-se desajustada, incutindo sofrimento ao outro e ao próprio sujeito.

Existem diferentes definições do conceito de agressividade, nomeadamente como sendo um processo biológico, uma característica da personalidade, um instinto, um hábito aprendido, um impulso ou uma classe de respostas físicas e verbais observáveis. De uma forma geral, podemos proferir que “...a agressividade caracteriza atitudes ou comportamentos que visam causar dano à integridade física ou psíquica de um outro ser, ou mesmo destruí-lo.” (Houzel, 2004, p. 41).

Segundo Laplanche e Pontalis (1990) a agressividade define-se como:

Tendência ou conjunto de tendências que se actualizam em comportamentos reais ou fantasmáticos, estes visando prejudicar outrem, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da acção motora violenta e destruidora; não existe qualquer comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efectivamente actuado, que não possa funcionar como agressão. (Laplanche e Pontalis, 1990, p. 37).

Este tema tem sido abordado sob diferentes perspectivas teóricas, e apesar de se encontrarem diversas posições relativamente ao termo agressão, são também encontradas algumas convergências, sendo a principal apontada como a necessidade de intervir sobre aquilo que, em certa proporção, poderia ser uma manifestação normal e socialmente aceite, mas que se poderá vir a tornar numa manifestação destrutiva e danosa, chegando mesmo a adquirir um carácter de violência e delinquência. Embora subsistam diferentes abordagens teóricas concernentes ao tema em questão, este trabalho envereda por uma análise da agressividade com base nos contributos da abordagem psicanalítica.

### *Agressividade – Breves contribuições da Teoria Psicanalítica*

As contribuições de Freud (1920), Melanie Klein (1927, 1933) e Winnicott (1939) revelaram-se enriquecedoras, na medida em que consideram os aspectos biopsicossociais implícitos na manifestação da agressividade, assim como também procuram abordar a questão do ponto de vista metapsicológico, sendo que esta tem sido a grande contribuição da psicanálise. Nas suas perspectivas, consideram a influência de aspectos psíquicos do sujeito, bem como de aspectos do ambiente, com o intuito de alcançar a compreensão e explicação do desenvolvimento normal e patológico da agressão no indivíduo.

O conceito de agressividade, na teoria freudiana, passou por várias redefinições ao longo da sua obra. O próprio autor assumiu não ter dado a este conceito o devido valor, referindo que “...*não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiquidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhado em conceder-lhes o devido lugar em nossa interpretação da vida*” (Freud, 1930/1997, p. 78).

Para Freud, o termo agressão deve ser inserido no âmbito dos dualismos pulsionais e do conflito intrapsíquico. Freud, antes de 1920, fazia um dualismo entre pulsões sexuais e pulsões de auto-conservação, e considerava que a agressividade podia ser tanto um aspecto ao serviço da libido como ao serviço das pulsões de auto-conservação, e que advinha da frustração oriunda do exterior (Greenberg & Mitchell, 2003). Assim, a agressividade era considerada como um aspecto secundário, pois tratava-se de uma resposta do sujeito a uma situação exterior frustrante. No entanto, devido à dificuldade para explicar fenómenos psicopatológicos relacionados com a agressão, como a repetição compulsiva de vivências desagradáveis, Freud propôs a existência de uma pulsão de morte, que actuaria para além do princípio do prazer (Freud, 1969). O autor encarou a pulsão de morte como uma tendência autodestrutiva biológica e universal, e especulou que esta seria a possível origem da agressividade, que definiu como sendo “...*uma fonte de energia independente e por direito próprio...*” (Greenberg & Mitchell, 2003, p. 155). Deste modo, a agressividade passou a ser considerada pelo autor como um aspecto primário, isto é, a agressividade não era apenas uma resposta ao exterior, mas sim algo intrínseco.

M. Klein (1933) retomou o conceito de pulsão de morte, para explicar a relação recíproca entre agressão e angústia. Assim, para a autora, agressão provinha de impulsos exacerbados na primeira infância. Estes impulsos, favoreceriam o desenvolvimento de tendências anti-sociais, no caso da criança não encontrar um ambiente, que contradissesse os seus receios sobre a possibilidade de ser “atacada pelo ambiente” como resposta aos seus ataques agressivos imaginários. Na interacção entre o indivíduo e o ambiente, forma-se a instância superegógica, que por volta dos 2 anos se revela extremamente severa, pois decorreria da projecção dos impulsos agressivos da própria criança, que neste período se encontra no auge do sadismo.

Segundo Klein (1933), a passagem desse superego primitivo para um superego mais evoluído e sensato, depende da diminuição da intensidade dos impulsos agressivos da criança (“factor interno”), e do ambiente (“factor externo”), que mostra à criança que a realidade e os objectos não são tão ameaçadores como irromperam na sua fantasia. Assim, a criança passa a encarar os objectos de forma mais positiva, e como consequência surgem sentimentos de culpa pelos seus ataques agressivos. Contudo, Klein (1927) observa que este desenvolvimento normal pode sofrer perturbações, dependendo da intensidade das fixações a essa fase de sadismo, da forma e da época em que essas fixações se ligam a acontecimentos, do grau de severidade e do tipo de desenvolvimento do superego e também, da capacidade da criança de suportar as ansiedades e conflitos.

Winnicott (1939), adoptou uma posição semelhante a Klein, considerando que a agressão pode assumir dois significados: ou constitui reacção à frustração de forma directa ou indirecta, ou por outro lado, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo. Para este autor, a agressividade observada nas crianças não se refere à emergência de instintos primitivos, mas está localizada nas fantasias infantis inconscientes.

No início do desenvolvimento, a criança acredita ter a capacidade de destruir e de criar de forma mágica, não se dando conta de que está a atacar o objecto. É como se o bebé sentisse um impulso para atacar, e ao fazê-lo, sentisse prazer. Sendo que o objectivo do bebé é obter satisfação, e que para isso tem que colocar o que ama em perigo, ele terá que conseguir conciliar estas duas posições. Assim, Winnicott (1939), considerou que os impulsos agressivos seriam inibidos para proteger o que é amado e que ao mesmo tempo está em perigo. A mãe, principalmente, assume aqui um papel importante no sentido em que terá que

proporcionar, à criança em desenvolvimento, a percepção gradual de que o mundo real não está submetido ao seu controle mágico.

Uma das possibilidades, colocada por Winnicott (1956) para explicar a permanência de um funcionamento agressivo na criança, é a de que esta pode ter passado precocemente, na tenra infância, por um período de privação emocional, depois de um período em que tudo corria bem, onde existia “... *uma boa experiência inicial que se perdeu.*” (Winnicott, 1956, p. 135). Esta privação emocional estende-se por período maior do que aquele em que a criança consegue recordar a boa experiência. Através de actos anti-sociais, a criança força o ambiente a retroceder até a posição em que algo de errado aconteceu e a reconhecer esse mesmo facto. Se assim for, a criança tem a possibilidade de regressar ao período que antecedeu o momento da privação, e de reencontrar o bom objecto, que por ter existido inicialmente, permitiu que a criança experimentasse impulsos, inclusivamente os destrutivos.

Winnicott (in Shepherd, Johns & Robinson, 1996), vem acrescentar que o recém-nascido encontra-se totalmente dependente dos cuidados maternos e que estes constituem a única fonte de satisfação das suas necessidades básicas. Pela total satisfação das necessidades básicas, o bebé tende a criar a ilusão de que a mãe existe por ele e para ele, o que aumenta a convicção da sua onnipotência.

A primeira relação de objecto é assim vivenciada através da nutrição, e as pulsões são satisfeitas através da boca, apoiadas numa função vital. A incorporação constitui, nesta fase, segundo Freud (in Bowlby, 2001), o modo de relação com o objecto.

Freud (in Gomez, 2005), desde cedo, teorizou a distinção entre a satisfação da necessidade básica (fome) e o prémio do prazer (sucção). Segundo o autor, é em torno deste *prémio do prazer* que o lactente organiza as suas primeiras interiorizações das relações humanas, com base nas quais se apoiaram mais tarde as diversas escolhas de objecto da criança. De acordo com outros autores, Winnicott e Bowlby (in Gomez, 2005), o *prémio do prazer* não se fundamenta apenas na sucção e na satisfação da fome, sendo a necessidade de vinculação e os contactos corporais também relevantes.

O bebé experimenta, então, momentos de plena satisfação das suas necessidades através da alimentação pelo seio da mãe, sendo esta investida ainda como objecto parcial, e momentos de frustração, que são vividos como falhas maternas. Perante a sua capacidade de reunir num só objecto características positivas e negativas, a criança recorre ao mecanismo de clivagem deste objecto, dividindo-o em dois objectos diferenciados e autónomos: o mau

objecto, o que lhe provoca dor, fome, estando associado a fantasias de ataque, de ódio e de agressividade e às pulsões de morte, e é projectado, de forma a evitar os riscos de destruição interna da criança; e o bom objecto, aquele que satisfaz o bebé, que surge acompanhado de fantasias de amor ligadas às pulsões de vida satisfeitas pela mãe, e que é introjectado, para que a criança se consiga defender da ansiedade persecutória do mau objecto (Boubli, 2001).

A estes processos Melanie Klein (1980) atribuiu a designação de Posição Esquizo-Paranoide, devido ao tipo de mecanismos aqui utilizados, que termina por volta dos 3/4 meses de idade. Para que esta posição seja superada, é necessário que as experiências de satisfação superem as de frustração, para que o bebé percepcione o bom seio como sendo mais forte que o mau seio, o que leva à diminuição da projecção e à consequente unificação das pulsões agressivas e libidinais.

Devido às suas fantasias de ataque e de agressividade precedentes contra o mau seio, a criança começa a ter fantasias de destruição do objecto, acreditando que é o responsável por tal destruição. Observando-se também já uma tendência para a reunião do bom e do mau objecto num só, a criança percebe então que, ao destruir o mau objecto, destruiu também o bom seio que o satisfazia, o que conduz à vivência de uma angústia depressiva por medo da perda e pela culpa da destruição. Embora possam ser utilizadas defesas maníacas análogas às utilizadas na Posição Esquizo-Paranoide, esta angústia só poderá ser ultrapassada através da inibição da agressividade e da reparação mágica do objecto despedaçado. Com o desenvolvimento da sua maturidade, a criança apercebe-se que o objecto não foi destruído, logo não precisa ser reparado, pois constitui algo exterior e independente de si. Ao perceber que não exerce controlo algum sobre a sua mãe, a criança vê diminuída a sua onipotência, e sente pela primeira vez a necessidade de investir a mãe libidinalmente. É esta descoberta dos seus próprios limites pessoais que permite a distinção entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. A posição depressiva fica aqui e desta forma selada, por volta dos 6 meses de idade (Laplanche & Pontalis, 1990). Segundo Melanie Klein (1980), as crianças e os bebés afligem-se e passam por fases de depressão, mas é exactamente o modo como superam esta fase, como reagem e respondem a estas situações, que vai determinar, para o resto das suas vidas, a forma como respondem a novas situações e a novas perdas.

Os passos dados pelo bebé no sentido da regulação da ambivalência têm uma importância decisiva para o desenvolvimento da sua personalidade. Se a criança seguir um caminho favorável, ela toma consciência que existem, no seu íntimo, impulsos contraditórios mas

estará apta a dirigi-los e a controlá-los, e a ansiedade e a culpa que surgem são suportáveis. Se enveredar pelo caminho errado, a criança vai mobilizar diferentes mecanismos de defesa (deslocamento, projecção, super compensação) visando a negação do conflito (Bowlby, 2001).

Segundo Winnicott (in Gomez, 2005), a capacidade para experimentar um sentimento de culpa constitui um atributo necessário da pessoa saudável. Embora seja desagradável, como a dor física e a ansiedade, é biologicamente indispensável e constitui parte do preço que se paga por se ser Humano. O sentir culpa implica que a ambivalência seja tolerada e que se aceite a responsabilidade pelo amor e pelo ódio.

Esta sintética revisão teórica procurou focalizar como se pode manifestar a agressividade quando relacionada a um desenvolvimento emocional saudável ou patológico.

### Puberdade e Pré-Adolescência

O desenvolvimento humano não se desenrola em etapas ou fases estanques em si mesmas. “Naturalmente, qualquer divisão em fases é uma abstracção; não existe uma compartimentação tão nítida no desenvolvimento real.” (Blos, 1998, p.98). No entanto, este autor sublinha a importância da formulação de fases, pelo facto das características de cada fase, e das alterações psicológicas que ocorrem nas mesmas, se tornarem mais facilmente reconhecíveis. Não obstante, aponta também como relevante a necessidade de termos atenção às sequências ordenadas do desenvolvimento.

Assim, torna-se difícil e erróneo apontar uma idade cronológica para o aparecimento tanto da puberdade como da pré-adolescência.

Apesar da puberdade coincidir sensivelmente com a pré-adolescência, são fenómenos diferentes. No entanto, surge por vezes alguma confusão no que concerne à definição de cada uma destas fases, tornando-se assim importante proceder à descrição e caracterização de cada uma delas.

Assim, em média entre os 11 e os 14 anos de idade ocorrem mudanças biológicas, surgem sensações nunca antes experienciadas juntamente com conflitos antes vivenciados.

Dois fenómenos aparecem, a puberdade, que acarreta transformações biológicas, e a pré-adolescência, com a constante necessidade de um trabalho psíquico.

A puberdade é caracterizada por um conjunto de transformações morfológicas e fisiológicas, que determinam o desenvolvimento das características sexuais primárias (amadurecimento dos órgãos sexuais), o aparecimento das características sexuais secundárias (aparecimento e aumento da pilosidade, modelação do corpo, aparecimento e aumento dos seios na rapariga e mudança de voz nos rapazes), o crescimento do tamanho do corpo com alterações nas suas proporções, e a consequente instalação da função reprodutora (Claes, 1985). Estas transformações podem prolongar-se por um período de cerca de 18 meses a 2 anos, estando o desencadeamento dependente de um certo número de hormonas (Braconnier & Marcelli, 2000). O aparecimento da puberdade está sujeito a variações individuais, no entanto, nas raparigas inicia-se, em média, por volta dos 12 anos, e por volta dos 12 e meio – 13 anos nos rapazes. A menarca ou a primeira menstruação, no caso das raparigas, e a primeira ejaculação, no caso dos rapazes, que ocorre muitas vezes durante um sonho sexual sob a forma de emissão nocturna, são os sinais exteriores que marcam simbolicamente o fim da puberdade (Braconnier & Marcelli, 2000). Uma das mais visíveis modificações desta altura é a transformação do corpo. No entanto, esta transformação é apenas o ponto de partida para várias mudanças que ocorrem nesta fase.

Agora, o púbere tem como “tarefa” o reconhecimento e a aceitação da nova imagem do seu corpo, bem como a de se reconhecer numa nova imagem sexuada que foi imposta pela transformação pubertária. Toda esta metamorfose faz da puberdade, o estágio em que o indivíduo atinge a maturidade sexual. Esta será o ponto final das pulsões sexuais da infância, isto é, as pulsões pré-genitais serão reunidas num conjunto homogéneo para possibilitar que o indivíduo alcance a satisfação sexual (Braconnier & Marcelli, 2000). A maturação física, e em especial a das gónadas e dos órgãos genitais, permite uma reunião das pulsões parciais sob o primado da genitalidade, de acordo com Freud (in Malpique, 2003).

Esta fase genital é precursora de grandes mudanças para o adolescente. Este vê reactualizados os conflitos edipianos, que ganham um maior destaque e despoletam agora uma maior angústia devido ao desenvolvimento dos órgãos sexuais, que tornam mais reais e possíveis as fantasias de incesto (Boubli, 2001). Em suma, a maturidade sexual vem possibilitar a relação sexual, o que consequentemente leva ao reaparecimento da ameaça incestuosa. O adolescente é assim forçado a desenvolver um afastamento para com os seus

pais, e a modificar a relação que mantinha com estes até então. Não se trata apenas de um afastamento em relação aos pais reais, mas também, e não menos importante, de uma emancipação das representações internas, isto é, das imagos parentais (Blos, 1998).

As angústias das organizações pré-genitais são também revividas: a angústia de separação e de destruição dos objectos internos surgem como resposta possível à dualidade vontade/medo do afastamento dos progenitores, semelhante ao processo da separação-individuação que vê agora uma possibilidade de ser reelaborado, de forma a tentar a criação de vínculos a novos objectos (Boubli, 2001).

De acordo com Blos (1998), na pré-adolescência não surge nenhuma mudança qualitativa das pulsões, no entanto, ocorre um aumento quantitativo das mesmas, ou seja, o pré-adolescente investe em todos os modos de satisfação, libidinais e agressivos, que ele já conhece, mas que foram “adormecidos” durante o período de latência, e que o satisfaziam enquanto criança.

O aumento quantitativo das pulsões, que ocorre na pré-adolescência, leva a um ressurgir notável da pré-genitalidade, segundo Anna Freud (in Blos, 1998). Assim, nesta fase, qualquer experiência se pode tornar sexualmente excitante, não sendo necessário um estímulo erótico para provocar a excitação genital. A raiva, o medo, o choque, ou mesmo a excitação em geral, são alguns dos estados emocionais que podem ser responsáveis pelas primeiras ejaculações, em estado de vigília (Blos, 1998). O rapaz pré-adolescente “...que entra na pubescência testemunha a função do órgão genital como um órgão de descarga de tensão, não especifica.” (Blos, 1998, p.78).

O ego do pré-adolescente é como que invadido pela energia pulsional, originando um derrame de comportamentos e de emoções, com os quais este ego não está ainda preparado para gerir de forma suficientemente capaz. No entanto, o super-ego, que representa todas as restrições morais, mantendo constantes as suas funções de auto-observação e de desaprovação (Freud, 1989), irá exercer um controlo sobre estes comportamentos e emoções. Estas duas forças vão assim travar um conflito, pois por um lado, encontra-se um ego a transbordar de novas emoções por influência da pulsão, que carece ser libertada, por outro lado, encontra-se um super-ego desaprovador que impede esta libertação. Segundo Blos (1998), perante este conflito, o ego recorre a defesas anteriormente utilizadas, que são restabelecidas ou mesmo reforçadas. Contudo, o ego auxilia-se de uma nova defesa que surge durante a pré-



adolescência, a socialização da culpa. Esta defesa, possibilita ao ego satisfazer as necessidades da pulsão, e ao mesmo tempo faz com que os efeitos do super-ego sejam atenuados, uma vez que divide a culpa pelos outros. Torna-se assim incontestável a importância do grupo nesta fase, pois é em prol deste grupo, que o pré-adolescente se permite ter comportamentos que não teria sozinho. No entanto, a importância do grupo nesta fase, não se limita a esta oportunidade de dividir a culpa, que aparece como um socorro na satisfação dos instintos em geral.

As angústias das organizações pré-genitais são revividas. No caso do rapaz pré-adolescente, a angústia de castração, que provocou a saída do conflito edipiano no final da fase fálica, reaparece provocando um afastamento relativamente às raparigas, uma vez que a proximidade destas significa enfrentar temáticas típicas do conflito edipiano. Durante este período, observam-se nos rapazes comportamentos hostis, de desvalorização e de menosprezo para com o sexo oposto. Contra este ressurgir da angústia de castração, Blos (1998) aponta a defesa homossexual. Esta não é mais do que uma manobra para evitar o confronto com o sexo oposto, com o intuito de se protegerem das vivências edipianas.

Tendo em conta que estas vivências edipianas são ainda ameaçadoras, e têm por isso que ser evitadas, o pré-adolescente recorre a outras vivências livres de conflitos, como a satisfação oral e anal. Enquanto que a oralidade pré-adolescente se evidencia pela fome, tão característica desta fase, e também pela agitação, inquietação e voracidade desportiva, a analidade manifesta-se através do uso de linguagem obscena, de piadas “sujas”, despreocupação com a higiene e fascínio pelos cheiros (Blos, 1998).

Em suma, a pré-adolescência, bem como a adolescência constituem pontos cruciais e determinantes do desenvolvimento. No entanto, estas fases inserem-se no contínuo desenvolvimento. Deste modo, o êxito dos processos, que decorrem durante estes períodos, é directamente determinado pelo vínculo que a criança estabeleceu com os seus cuidadores, durante a primeira fase do seu desenvolvimento (Bowlby, 2001).

## Comportamento Agressivo na Adolescência

De acordo com Aberastury e Knobel (1981), o adolescente terá que elaborar internamente três lutos essenciais, a saber: o luto pelo corpo infantil, o luto pela identidade e pelo papel infantil, e o luto pelos pais infantis.

Resumidamente, o luto é compreendido por Freud (1917-1915) como um trabalho psíquico de retirada da libido do objecto. Assim, quando este trabalho psíquico termina, ou seja, quando o processo do luto chega ao fim e é elaborado, o ego encontra-se novamente livre e desinibido.

As modificações corporais que acompanham a puberdade, segundo Aberastury e Knobel (1981), são sentidas pelo pré-adolescente como uma “invasão”, que ele não tem possibilidade de controlar. O sentimento que esta “invasão” despoleta, irá levar o pré-adolescente a imobilizar-se no seu mundo interno, e a reter muitas das suas características infantis, bem como muitas das aquisições que conseguiu durante o período da infância. Para os autores, este isolamento no mundo interno tem como objectivo, permitir ao jovem fazer uma ligação com o seu passado, e “planear” o seu futuro, levando-o a elaborar a perda progressiva das suas características infantis, mais concretamente, o seu corpo infantil.

Sobre o luto pela identidade e pelo papel infantil, os mesmos autores falam em contradições, ou melhor, numa ambivalência associada ao facto de como os adultos encaram e lidam com a adolescência, e que originaria no adolescente, uma angústia relativamente à sua identidade e ao seu papel. O facto de os adolescentes já não serem crianças, mas também por ainda não serem adultos, leva muitas vezes os pais, e/ou outros adultos, a assumirem uma postura pouco coerente face aos adolescentes, transmitindo a ideia de que estes são muitos novos para fazer certas coisas, mas já são “velhos” para outras tantas (Fleming, 2005).

Relativamente ao luto pelos pais infantis, Aberastury e Knobel (1981), relatam que os adolescentes não são os únicos a passar por um momento difícil e de lutos. Nos pais, surge um sentimento de rejeição perante os movimentos de independência dos filhos, que propicia dificuldades em lidar com o desenvolvimento adolescente. Este luto, em que o adolescente elabora a retirada de energia libidinal dos pais, ocorre pelo advento dos “substitutos parentais” (por norma, professores e outros adultos).

Assim, retomando o âmago deste capítulo, podemos concluir que a tentativa de elaborar os conflitos psíquicos, que advêm do sentimento de perda do corpo infantil, da identidade e papel infantil, e do papel dos pais, pode proporcionar o aparecimento de distúrbios de comportamento. Assim, os comportamentos agressivos e de oposição no adolescente, seriam um auxílio na realização e elaboração, no que Aberastury e Knobel (1981) denominaram de “lutos da adolescência”.

Blos (1967), recuperando a teoria de Margaret Mahler, que descreve o processo de separação-individuação na infância, aborda o tema das perdas que ocorrem na adolescência, referindo um segundo processo de individuação, que implica também vários lutos, que seriam condição básica para o adolescente alcançar a maturidade.

Fleming (2005b), do ponto de vista psicanalítico, considera que a puberdade reactiva a conflitualidade pré-genital arcaica, bem como a tendência para o agir, que se mantém ao longo da adolescência, e que pode ocorrer com maior ou menor exuberância. Segundo a mesma autora, os adolescentes apresentam dificuldades ao nível da motricidade, pelo que exibem um fraco controlo do próprio corpo. Se a este facto, adicionarmos a dificuldade dos pré-adolescentes em expressar por palavras o que sentem, encontramos as condições para a manifestação de comportamentos de externalização. Em suma, “... a transposição para o comportamento das dificuldades e conflitos internos, permite ao adolescente não só lidar numa forma defensiva com as suas pulsões, (...), como também experimentar um sentimento de onipotência, que geralmente acompanha as condutas agidas...” (Fleming, 2005b, p. 215). Sendo estes comportamentos uma tentativa de controlar os conflitos psíquicos internos, os mesmos podem dar ao adolescente a noção de que têm um controlo onipotente sobre a realidade (Fleming, 2005b).

Corroborando a teoria de Fleming, acima exposta, Marcelli e Braconnier (2005) consideram, que os comportamentos de externalização agidos são uma das formas de expressão privilegiadas dos conflitos e das angústias, que surgem na fase adolescente.

Marcelli e Braconnier (2005), mencionam uma linha condutora entre o período de oposição, característico da primeira infância, e os comportamentos agressivos e de oposição que ocorrem durante a adolescência. De acordo com os autores, na primeira infância, entre os 2 anos e meio e os 3 ou 4 anos, as crianças passam por um período em que estas exibem gestos agressivos e de oposição. A postura adoptada por parte dos pais, ou seus substitutos, será de extrema importância. Esta postura terá que ser o mais coerente e constante possível,

não havendo lugar para ambiguidades e cedências, que podem levar a criança a assumir mais tarde uma postura de onnipotência, com desrespeito pelos limites e regras impostas, e com uma enorme dificuldade em lidar com a frustração (Marcelli & Braconnier, 2005). “Ensinar a criança pequena a conter a sua agressividade representa provavelmente uma das melhores profilaxias do que lhe acontecerá na adolescência” (Marcelli & Braconnier, 2005, p. 140).

No entanto, Steinberg (2008) alega ser difícil estimar a prevalência de agressão durante a adolescência, devido ao facto de ser uma categoria bastante vasta. De acordo com o autor, poderemos afirmar, que praticamente, já todos cometemos, num momento ou noutro, por uma razão ou por outra, algum tipo de agressão.

### Diferenças entre género na Agressividade

Embora pouco se saiba relativamente aos factores que contribuem para o desenvolvimento de problemas de externalização em crianças e adolescentes, o facto das diferenças de género emergirem na pré-adolescência pode tornar-se num indicador a explorar (Fleming & Offord, 1990; Cohen et al., 1993). Seguindo esta linha de orientação, observa-se que as raparigas manifestam uma maior tendência para apresentar sintomas de internalização, ao passo que os rapazes expressam níveis mais elevados de externalização (Huselid & Cooper, 1994).

Maccoby e Jacklin (1974), sustentam a ideia de existir uma maior incidência de comportamentos agressivos nos elementos do sexo masculino, essencialmente aos dois anos de idade, embora a explicação para este facto não tenha sido até agora verificada em termos biológicos.

Diversos investigadores alegam que os dois sexos têm diferentes formas de demonstrar agressividade, já que os rapazes têm maior tendência para manifestá-la de forma directa (física ou verbal) (Burton et al., 2007) e as raparigas de forma indirecta, ou seja, relacional (Crick, 1995; Crick & Grotpeter, 1995). No entanto, Crick e Grotpeter (1995) referem que na fase adolescente os rapazes tendem a alterar a forma como exprimem a sua agressividade,

isto é, a expressão da agressividade nos rapazes passa a realizar-se de forma muito semelhante à das raparigas.

Segundo Crick (1995), a agressividade relacional consiste numa atitude que tem como objectivo prejudicar o outro, pondo em risco o relacionamento entre pares, excluindo a vítima do grupo ou ameaçando a integração e aceitação do indivíduo pelo grupo. O autor acrescenta que as crianças que utilizam a agressividade relacional para controlar e magoar os outros têm maior tendência a desenvolver atribuições hostis em situações que envolvam conflitos relacionais e tendem a ficar emocionalmente mais perturbadas por estes conflitos.

Lagerspez e Björkqvist (1994) verificaram que durante a adolescência, os rapazes manifestavam maiores índices de agressividade do que as raparigas e, por contraste, as raparigas expressavam mais agressividade indirecta e de afastamento do que os rapazes. No entanto, não foram encontradas diferenças em relação à agressividade verbal directa. Aferiram, igualmente, que na adolescência (entre os 15 e os 18 anos) ocorre uma acentuada diminuição da agressividade física nos rapazes e um aumento da manifestação de agressividade verbal e indirecta.

Para Geen (1998) a agressividade não aumenta ou diminui em função da idade, apenas se altera a forma como se manifesta. Através da verificação de que os homens tendem a diminuir a expressão de agressividade directa à medida que a idade aumenta, privilegiando a sua expressão de forma indirecta, e de que as mulheres preservam ao longo da vida uma expressão indirecta da agressividade, leva a crer que as diferenças entre géneros tendem a esbater-se consoante a idade avança.

Frodi, Macauley e Thome (1977) mostraram que ambos os sexos tinham menor probabilidade de agredir uma mulher do que um homem e que, em geral, as mulheres tinham maior tendência a considerar a agressão como inapropriada e procuravam reprimi-la. Demonstram igualmente que as mulheres são mais susceptíveis a ter sentimentos de culpa relativos à expressão da agressividade, bem como de experimentarem níveis superiores de ansiedade em situações em que se presencia comportamentos agressivos.

O comportamento agressivo dos homens e das mulheres é regulado, em parte, pelas normas sociais e pelas crenças acerca das consequências negativas da agressão. Como tal, verifica-se que as mulheres manifestam menos comportamentos de agressividade por acreditarem que vão sofrer retaliações, conduzindo-as a um estado de maior ansiedade a par com maior sentimento de culpa. Se essas emoções negativas forem controladas e minimizadas

pela exposição a contextos diferentes, as diferenças de género diminuem (Eagly & Steffen, 1986; Frodi et al., 1977).

As mulheres têm uma maior tendência para representações mais expressivas da agressividade, na qual a agressão é vista como um descontrolo do indivíduo, enquanto os homens têm uma representação cognitiva instrumental, em que a agressividade é vista como um meio de exercer controlo sobre os outros (Campbell, Sapochnik & Maucer, 1997).

### Estudos Recentes

Após as abordagens realizadas nos capítulos anteriores, pareceu-nos de suma importância apresentar uma breve resenha dos contributos fornecidos por algumas investigações, que se enquadram no contexto deste estudo.

Fonseca e colaboradores (1995) estudaram a prevalência de comportamentos anti-sociais numa população de alunos do 2.º, 4.º, e 6.º anos. Utilizaram a adaptação para português de um questionário de auto-avaliação “self-report”, (original construído por Loeber et al., 1989) (cit. por Fonseca et al., 1995). Um dos principais resultados a reter deste estudo é o facto de que, numerosos comportamentos anti-sociais eram referidos desde tenra idade pelos alunos portugueses que frequentavam os primeiros anos do ensino básico. Os autores do estudo analisaram variáveis como o género, a idade, e o nível socio-económico. Relativamente ao género encontraram diferenças significativas, sendo que os rapazes apresentaram frequências muito mais elevadas do que as raparigas. Do mesmo modo, Fonseca e colaboradores (1995) observaram que o aumento da idade era seguido por um aumento dos relatos na maioria dos comportamentos anti-sociais, que o questionário por eles utilizado avaliava.

O mesmo grupo de investigadores realizou um estudo, que tinha como principal objectivo a validação e standardização do *Child Behaviour Checklist* (CBCL) (Achenbach, 1991 cit. por Fonseca et al., 1994) para a população portuguesa. Este questionário respondido pelos pais, está integrado no sistema empírico ASEBA.

Foram realizadas inúmeras investigações, noutros países, com questões idênticas às deste trabalho. Podemos referir algumas destas investigações, como o estudo realizado em Espanha que verificou a existência de diferenças significativas de género e de idade nos

adolescentes espanhóis, relativamente aos problemas medidos pelo YSR (Abad, Forns & Gómez, 2002). As conclusões idênticas chegaram Roussos e colaboradores (2001), num estudo que foi levado a cabo na Grécia. No entanto, tanto o estudo efectuado na Noruega (Heyerdahl, Kvernmo & Wichstrom, 2004) como o realizado na Suécia (Broberg et al., 2001) referem conclusões diferentes dos estudos anteriormente mencionados, pelo facto de apenas terem encontrado diferenças significativas nos comportamentos de oposição. Todos os estudos acima mencionados, recorreram ao instrumento *Youth Self-Report*, tanto à versão de 1991 (Achenbach, 1991) como à versão de 2001 (Achenbach & Rescorla, 2001), sendo que esta última foi também por nós utilizada.

### Formulação do Problema de Investigação

Após todo o constructo teórico apresentado, e tendo em conta a diversidade de estudos expostos, parece importante investigar a prevalência de problemas de externalização, em pré-adolescentes, referidos por eles mesmos.

Assim sendo, os problemas de externalização, os comportamentos de oposição, bem como, os comportamentos agressivos, são as principais variáveis deste estudo. Estas foram medidas com recurso ao questionário YSR de Achenbach & Rescorla (2001), que para além de ser dirigido a adolescentes dos 11 aos 18 anos de idade, é auto-preenchido, o que segundo alguns autores, se revela como uma mais-valia, tendo em conta que este tipo de comportamentos é muitas vezes praticado longe do olhar de professores e de cuidadores (Fonseca et al., 1995; Fonseca & Simões, 2004).

Assim, este estudo tem como principais objectivos, analisar o efeito da variável género no que diz respeito aos comportamentos agressivos, de oposição e de externalização, bem como explorar o impacto da idade no decorrer da fase pré-adolescente.

Será que os rapazes referem mais comportamentos agressivos, de oposição, e de externalização do que as raparigas? (Lahey et al., 2000; Abad, Forns & Gómez, 2002)

E será que se observa um aumento destes mesmos comportamentos ao longo da fase pré-adolescente, em cada um dos géneros? (Lahey et al., 2000; Abad, Forns & Gómez, 2002)

## Hipóteses e Variáveis

As *variáveis* consideradas para a realização deste estudo foram:

- Como Variáveis Dependentes, os Comportamentos agressivos; Comportamentos de oposição; e Síndrome de externalização.
- Como Variáveis Independentes foram consideradas o género e idade dos pré-adolescentes.

Uma vez que este estudo contempla nove hipóteses o que poderia trazer algumas dificuldades na compreensão e análise desta investigação, optámos por apresentar as mesmas de forma esquemática reduzindo assim a entropia que uma apresentação imbuída no texto poderia causar. Deste modo, as hipóteses a *confirmar/infirmar* são:

### Hipótese 1

Os rapazes e as raparigas pré-adolescentes apresentam níveis médios de comportamentos agressivos iguais.

### Hipótese 2

Os rapazes e as raparigas pré-adolescentes apresentam níveis médios de comportamentos de oposição iguais.

Os rapazes e as raparigas pré-adolescentes apresentam níveis médios de comportamentos de externalização iguais.

### Hipótese 4

Os rapazes pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos agressivos.

### Hipótese 5

Os rapazes pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos de oposição.

### Hipótese 6

Os rapazes pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos de externalização.

### Hipótese 7



As raparigas pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos agressivos.

#### Hipótese 8

As raparigas pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos de oposição.

#### Hipótese 9

As raparigas pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos de externalização iguais.

## MÉTODO

### Delineamento

Face à problemática que se pretende investigar – através de um paralelo entre géneros procurámos aumentar o conhecimento sobre a dimensão dos comportamentos de externalização numa população pré-adolescente, clarificando a hipótese dos rapazes reportarem um maior número destes comportamentos, quando comparados com os elementos do sexo feminino – o delineamento que parece ser mais apropriado é o Estudo Transversal. Este tipo de técnica permite definir características de base da amostra, bem como estimar a frequência com que determinada variável se manifesta na mesma amostra. A associação entre variáveis é também possível de descrever utilizando este tipo de técnica.

### Participantes

A amostra foi constituída por estudantes pré-adolescentes voluntários, frequentando o 2º e o 3º ciclo do ensino básico público em Portugal. Participaram neste estudo 313 sujeitos, dos quais 154 (49,2 %) são do sexo masculino, e 159 (50,8 %) são do sexo feminino, como se pode verificar na Tabela seguinte (Tabela 1). A idade dos inquiridos está compreendida entre os 11 e os 14 anos de idade ( $M = 12,47$  e  $DP = 1,044$ ). Os participantes foram seleccionados a partir da população de pré-adolescentes residentes nos Concelhos de Almada, Lisboa, Oeiras, Portimão, e Lagos. A amostra foi inteiramente recolhida em escolas públicas, num contexto de sala de aula e em turmas de 6º ano (29,4 %), 7º ano (21,4%), 8º ano (43,8%) e 9º ano (5,4%). Esta selecção realizou-se através de processos não probabilísticos de amostragem (de conveniência e intencional via informantes privilegiados).

Tabela 1: Distribuição da amostra em função do género e da idade.

	Idade (anos)				Total
	11	12	13	14	
Masculino	37	38	48	31	154
Feminino	35	44	52	28	159
Total	72	82	100	59	313

### Instrumento

Com a finalidade de se descrever e de se caracterizar o comportamento dos sujeitos pré-adolescentes através de auto-relato, recorreremos ao *Youth Self-Report* (YSR) (Achenbach & Rescorla, 2001).

Este questionário faz parte do Sistema de Avaliação Empiricamente Baseado de Achenbach (Achenbach System of Empirically Based Assessment – ASEBA), que é um sistema integrado de avaliação por meio de múltiplos informantes. Neste sistema encontramos uma ampla gama de questionários que auxiliam o processo de avaliação das competências e dos problemas de comportamento de forma rápida e com baixos custos (Achenbach & Rescorla, 2001).

O YSR é um instrumento concebido para ser preenchido por adolescentes dos 11 aos 18 anos de idade, e obter respostas que permitem avaliar as suas próprias competências sociais, bem como os seus problemas emocionais e comportamentais. Vários foram os estudos que demonstraram a validade do YSR, enquanto instrumento útil e eficaz no estudo de problemas emocionais e comportamentais em adolescentes (Fitzpatric & Deehan, 1999; Achenbach, 1991; Heyerdahl, Kvernmo, & Wichsterom, 2004; e outros) (Anexo B). Pode ser utilizado como um instrumento de rastreio, permitindo identificar, em adolescentes, indícios de problemas emocionais ou comportamentais que possam ser potencialmente predictores de perturbações clínicas.

### *Caracterização do Instrumento*

Este questionário é composto por duas partes. A primeira, que inclui a escala de competências e que é constituída por sete questões, explora as respostas sobre o desempenho escolar, sobre a participação em actividades, como os desportos e os passatempos, e sobre os eventos sociais, tal como os grupos, clubes ou organizações e os relacionamentos com os amigos. Deste modo, esta medida permite construir um perfil de várias competências: as escolares, de actividades, e sociais. A segunda parte, é composta por escala com itens que descrevem comportamentos problemáticos, e em que para cada um deles, o adolescente deve pontuar 0 se (“não é verdade”), por 1 se (“algumas vezes verdade”), ou por 2 se (“verdade ou muitas vezes verdade”). Para realizar esta classificação, o adolescente irá responder pensando em relação a ele próprio nos últimos seis meses. Esta escala é constituída por um total de 119 itens, dos quais 105 formam no seu conjunto, a escala de “problemas totais”, enquanto que os 14 itens excedentes se referem a comportamentos socialmente desejáveis (6, 15, 49, 59, 60, 73, 80, 88, 92, 98, 106, 107, 108 e 109), como por exemplo gostar de animais, ser honesto ou defender os seus direitos.

Como anteriormente referido os itens constituintes das diversas subescalas são de resposta contínua tipo Lickert 0; 1 ou 2. Abaixo está apresentado um item exemplificativo de cada uma das subescalas utilizadas para a realização desta investigação:

#### Comportamento de Oposição

Ex: **28. *Quebro as regras em casa, na escola ou em qualquer outro sítio.***

#### Comportamento Agressivo

Ex: **37. *Meto-me em muitas brigas.***

Assente numa perspectiva dimensional, o YSR entende o comportamento psicopatológico como um contínuo normativo, contabilizando a intensidade e a frequência dos sintomas clínicos. Achenbach (1991) efectuou uma análise factorial aos 105 itens do YSR que permitiu identificar 8 factores. Assim, os factores ou sub escalas identificadas pelo autor Achenbach (1991), e que segundo este se referem a problemas que tendem a ocorrer juntos foram: “Ansiedade/Depressão”; “Retraimento/Depressão”; “Queixas Somáticas”; “Problemas

Sócias”; “Problemas de Pensamento”; “Problemas de Atenção”; “Comportamento de Oposição”; e “Comportamento Agressivo”. Os itens 7, 24, 44, 53, 55, 56h, 74, 77, 93 e 110, constituem a escala “Outros Problemas”, que não incorporando nenhuma das oito escalas de síndrome, acima descritas, são utilizados para a construção da escala “Problemas Totais”.

Após realizar uma segunda análise factorial, Achenbach (1991) identificou duas síndromes de comportamento, a síndrome de internalização (“internalizing”), e a síndrome de externalização (“externalizing”). A síndrome de internalização corresponde aos sintomas emocionais, subjectivos, que causam tensão psicológica e que apesar de pouco observáveis provocam sofrimento no sujeito, ou seja, são sintomas que têm um impacto interno (sintomas “voltados para dentro”). Por oposição a síndrome de externalização corresponde a comportamentos disruptivos, e que causam transtorno nas outras pessoas, ou seja, são sintomas que têm impacto no meio (sintomas “voltados para o exterior”).

As subescalas “Ansiedade/Depressão”, “Retraimento/Depressão”, e “Queixas Somáticas” compõem a síndrome internalizante, enquanto as subescalas “Comportamento de Oposição”, e “Comportamento Agressivo” compõem a síndrome externalizante. As restantes subescalas, “Problemas Sócias”, “Problemas de Pensamento” e “Problemas de Atenção”, não compõem nenhum dos factores de segunda ordem, por não obterem resultados que saturam estes factores (Achenbach, 1991).

Uma análise factorial de primeira ordem (somatório global dos itens) obtém a pontuação total, que fornece um indicador geral de sintomatologia psicopatológica, enquanto que uma análise factorial de segunda ordem faculta a extracção de dois factores correspondentes às escalas de internalização e de externalização.

### Procedimento

A fase inicial consistiu na tradução/adaptação, da versão de 2001, do questionário *Youth Self Report*, (Achenbach & Rescorla, 2001). Assim sendo, houve o cuidado de seguir as sugestões apontadas pela *International Test Commission* (ITC) para a tradução/adaptação de provas psicológicas (Van de Vijver & Hambleton, 1996; Hambleton & Patsula, 1999; Hambleton, 2001), no sentido de assegurar a correspondência entre a versão original e a

traduzida. O primeiro passo prendeu-se com realização de três traduções do instrumento original em inglês para português, sendo uma feita por um tradutor, e as outras duas feitas por duas pessoas conhecedoras do conteúdo do instrumento. Nestas traduções procurou-se ter em atenção, não só os aspectos linguísticos dos itens, mas também as diferenças culturais, que ao serem negligenciadas por uma tradução “literal”, poderiam colocar em causa a compreensão dos mesmos. Em seguida, confrontaram-se as três traduções, com o cuidado de verificar se nesse processo a ideia original dos itens não era deturpada com falsas interpretações semânticas, e obteve-se a primeira versão em português.

Com o intuito de testar a funcionalidade da versão traduzida, e de confirmar a legibilidade dos itens, efectuou-se um estudo-piloto junto de uma pequena amostra de pré-adolescentes, (quatro raparigas e três rapazes). Esta pequena amostra foi recolhida numa casa de acolhimento de jovens, notando-se em alguns destes, certas dificuldades ao nível cognitivo, e por isto, partiu-se do pressuposto que se estes sujeitos compreendessem bem todos os itens do instrumento, este estaria legível para o resto da população adolescente. Depois de respondidos os questionários, colocaram-se aos sujeitos, questões sobre a compreensibilidade dos enunciados e dos itens. Realizaram-se assim algumas pequenas alterações, que levaram à versão traduzida/adaptada final. Exemplo destas alterações é a questão IV “Diz as tarefas ou trabalhos que tens.”, que apesar de ter exemplos como, “cuidar de crianças, fazer a cama”, verificou-se que as respostas dos sujeitos iam, quase sempre, de encontro a tarefas ou trabalhos relacionados com a escola. Assim, acrescentou-se uma nota nesta questão IV “Diz as tarefas ou trabalhos que tens, *sem contar com a escola*.”. Este estudo-piloto teve também como objectivo, testar o tempo médio de resposta dos sujeitos em grupo, (grupos de 4 e de 3 sujeitos), que não ultrapassou os 30 minutos.

Após a realização do estudo piloto contactaram-se os Conselhos Executivos de algumas escolas, frequentadas por sujeitos com as idades pretendidas para este estudo, por meio de entrevista e de entrega de carta (Anexo C), carta esta onde foi explicitado todo o objectivo do estudo, assim como a forma como iria ser realizado, assegurando toda a confidencialidade dos jovens em causa e garantindo também que toda a informação obtida seria usada exclusivamente para o estudo em questão. Foi também necessário frisar na carta, que este estudo não iria promover nenhuma situação de risco para os jovens e que todos eles seriam livres de desistir, se assim o desejassem. Uma vez concedido o aval da escola procedeu-se ao contacto com os pais dos jovens, por meio de carta (Anexo D), a fim de requerer a autorização

destes, para que o seu educando pudesse fazer parte do estudo. Nesta carta constou um resumo da informação que foi facultada à escola. Por sugestão dos Presidentes dos Conselhos Executivos das várias escolas, a entrega aos jovens, das cartas dirigidas aos seus respectivos pais, realizou-se na aula de Formação Cívica, por ser uma aula sem programa curricular e utilizada pelos Directores de Turma para resolver várias questões relacionadas com os alunos. A aplicação do questionário realizou-se, também na aula de Formação Cívica, e apenas aos jovens que trouxeram as respectivas autorizações, devidamente assinadas pelos seus Encarregados de Educação. Assim, a administração do questionário, a toda a amostra, fez-se de forma colectiva e num contexto de sala de aula. Antes de dar início ao preenchimento dos questionários, os jovens foram informados sobre o objectivo do estudo, o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, a voluntariedade no preenchimento, e a importância de responderem do modo mais honesto possível para que a informação recolhida fosse fidedigna. O investigador disponibilizou-se para esclarecer dúvidas que pudessem surgir no decorrer da prova. O tempo de preenchimento de todo o questionário foi de aproximadamente 35 minutos, algo que contrasta bastante com os 15 minutos apontados pelos autores (Achenbach & Rescorla, 2001), para realização da prova.

Com a intenção de não aumentar o enviesamento do estudo, foram excluídos alguns questionários por diversas razões, como o facto de por vezes, os estudantes preencherem os questionários em conjunto com o colega do lado, apesar das advertências do investigador, e também por alguns estudantes estrangeiros, terem apresentado nítidas dificuldades na compreensão de alguns termos que constam no questionário (situação ocorrida no concelhos de Lagos e Portimão).

Com vista à caracterização da posição social dos jovens, seguimos a proposta feita por De Castro&Lima (1987) que prevê uma classificação em quatro níveis: Classe Superior (Posição Social 1), Classe Média mais instruída (Posição Social 2), Classe Média menos instruída (Posição Social 3) e Estrato Operário e Rural (Posição Social 4), (Anexo E).

Mediante o uso do programa SPSS 16.0, para o Windows, procedeu-se ao tratamento estatístico dos dados recolhidos na amostra.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão expostos os resultados obtidos nas diferentes variáveis em estudo, acompanhados da análise inferencial e a estatísticas descritivas das mesmas, à luz das hipóteses previamente colocadas.

Os dados obtidos, através da aplicação do questionário YSR a uma amostra de pré-adolescentes, foram inseridos numa matriz do programa SPSS 16.0, para o Windows. Procedeu-se posteriormente ao tratamento estatístico dos mesmos, com recurso a análise inferencial e a estatísticas descritivas, sendo considerado um nível de significância estatística de  $p < 0.05$ , ou seja, consideram-se estatisticamente significativos todos os valores de *p value* menores ou iguais a 0.05.

Na construção dos factores não foi utilizado qualquer meio estatístico devido às limitações da dimensão da amostra ( $N=313$ ) não alcançando o mínimo de cinco vezes o número de itens constituintes da escala (Pestana, M. & Gajreiro, J., 2003). Apesar das limitações apresentadas pela dimensão da amostra, este estudo insere-se em uma investigação mais ampla na qual serão futuramente aferidas e testadas as qualidades métricas deste instrumento, servindo os resultados a obter desta investigação de ponto de partida/ancoragem para a futura linha de investigação a adoptar.

De forma a permitir retirar conclusões da aplicação do instrumento, e viabilizar a análise estatística deste trabalho, foram construídos os factores de acordo com a constituição indicada na versão original de Achenbach (2001), (Anexo F).



### Teste Normalidade das Variáveis

Com o intuito de averiguar se as variáveis sob estudo apresentavam distribuição normal, aplicou-se o teste Kolmogorov-Smirnov (Maroco, 2003).

Tabela 2: Teste Normalidade das variáveis comportamentos agressivos, de oposição, e de externalização.

Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			
	Género	g.l.	Sig.
Comportamentos Agressivos	rapazes	154	.000
	raparigas	159	.000
Comportamentos de Oposição	rapazes	154	.000
	raparigas	159	.000
Comportamentos de Externalização	rapazes	154	.000
	raparigas	159	.000

a. Lilliefors Significance Correction

Verificámos que as três variáveis dependentes, comportamentos agressivos, comportamentos de oposição, e comportamentos de externalização não apresentam distribuição normal, para um nível de significância (0,05).

Uma vez que as variáveis Dependentes não apresentam distribuição normal, aplicaram-se metodologias estatísticas não paramétricas para realizar as comparações entre os grupos (Maroco, 2003). Assim, a maioria das análises efectuadas recorreu ao Teste Mann-Whitney para comparar médias entre dois grupos independentes, e ao Teste Kruskal-Wallis para comparar médias entre três ou mais grupos independentes (Maroco, 2003). Estes testes não nos permitem estudar interacções, de modo que os efeitos da idade e do género em cada subescala, foram analisados de forma independente.

## Comparação entre Géneros

### *Comportamentos agressivos*

Para confirmar ou infirmar a hipótese 1 (média dos comportamentos agressivos dos rapazes pré-adolescentes = média dos comportamentos agressivos das raparigas pré-adolescentes), a metodologia estatística utilizada foi o Teste Mann-Whitney, no qual obtivemos os seguintes resultados (Tabela 3).

Tabela 3: Teste Mann-Whitney para comparação de géneros na variável comportamentos agressivos.

Test Statistics <sup>a</sup>		
	Z	Sig.
Comportamentos Agressivos	- 1.414	.157

a. Grouping Variable: Género

De acordo com os resultados obtidos, não rejeitamos a hipótese nula ( $p = 0.157$ ) e confirmamos a hipótese (1), que refere que os rapazes e as raparigas pré-adolescentes apresentam iguais níveis médios de comportamentos agressivos. Assim, não existem diferenças estatísticas significativas entre os comportamentos agressivos relatados pelos rapazes pré-adolescentes e os comportamentos agressivos relatados pelas raparigas pré-adolescentes.

Os indicadores recolhidos são contrários às conclusões de alguns autores (Fonseca e tal., 1995; Roussos et al., 2001; Burton et al., 2007), que apontam diferenças entre géneros relativamente aos comportamentos agressivos. No entanto, os resultados por nós auferidos vêm corroborar as conclusões de Broberg e colaboradores (2001), que ao realizarem uma investigação na Suécia não verificaram diferenças significativas entre géneros quanto aos comportamentos agressivos. A esta conclusão chegaram também Heyerdahl e colaboradores (2004), num estudo na Noruega.

### Comportamentos de Oposição

Com o intuito de confirmar ou infirmar a hipótese 2 (média dos comportamentos de oposição dos rapazes pré-adolescentes é igual à média dos comportamentos de oposição das raparigas pré-adolescentes), a metodologia estatística utilizada foi o Teste Mann-Whitney, no qual obtivemos os seguintes resultados (Tabela 4).

Tabela 4: Teste Mann-Whitney para comparação de géneros na variável comportamentos de oposição.

Test Statistics <sup>a</sup>		
	Z	Sig.
Comportamentos de Oposição	- 4.081	.000

a. Grouping Variable: Género

Tendo em conta os resultados obtidos, rejeitamos hipótese nula ( $p = 0.000 < \alpha = 0.05$ ) e infirmamos a hipótese 2. Deste modo, os rapazes e as raparigas pré-adolescentes apresentam diferentes níveis médios de comportamentos de oposição.

Ao caracterizarmos a subescala comportamentos de oposição, observamos que os rapazes relatam em média mais comportamentos deste tipo ( $M=0.3065$ ) do que as raparigas ( $M=0.2105$ ), (Figura 1).

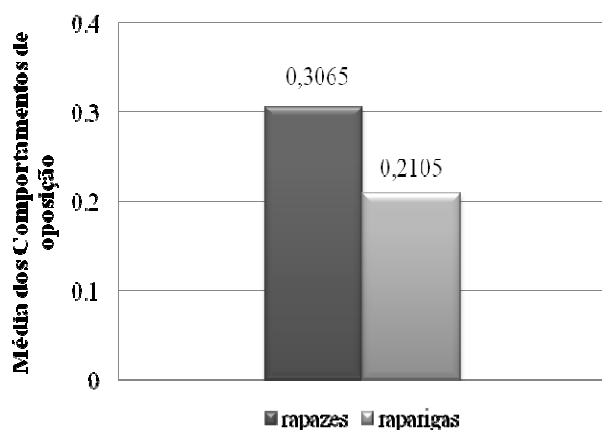


Figura 1: Médias dos Comportamentos de oposição em rapazes e raparigas.

Os resultados por nós obtidos são coerentes com os resultados já obtidos em estudos anteriores por Broberg e colaboradores (2001), Roussos e colaboradores (2001), Heyerdahl, Kvernmo e Wichstrom (2004), reforçando a ideia de que os géneros diferem entre si no que concerne aos comportamentos de oposição.

### *Comportamentos de Externalização*

Para confirmar ou infirmar a hipótese 3 (média dos comportamentos de externalização dos rapazes pré-adolescentes = média dos comportamentos de externalização das raparigas pré-adolescentes), utilizámos novamente o Teste Mann-Whitney. Através deste teste deparámo-nos com os seguintes resultados (Tabela 5).

Tabela 5: Teste Mann-Whitney para comparação de géneros na variável comportamentos de externalização.

Test Statistics <sup>a</sup>		
	Z	Sig.
Comportamentos de Externalização	- 2.765	.000

a. Grouping Variable: Género

Analisando os valores obtidos, rejeitamos a hipótese nula ( $p = 0.000$ ) e infirmamos a nossa hipótese 3. Por conseguinte, os rapazes e as raparigas pré-adolescentes apresentam diferentes níveis médios de comportamentos de externalização.

Para melhor compreender estas diferenças entre géneros, caracterizámos a referida subescala, e observámos que em média os rapazes relatam mais comportamentos de externalização ( $M=0.4004$ ) do que as raparigas ( $M=0.3198$ ), (Figura 2).

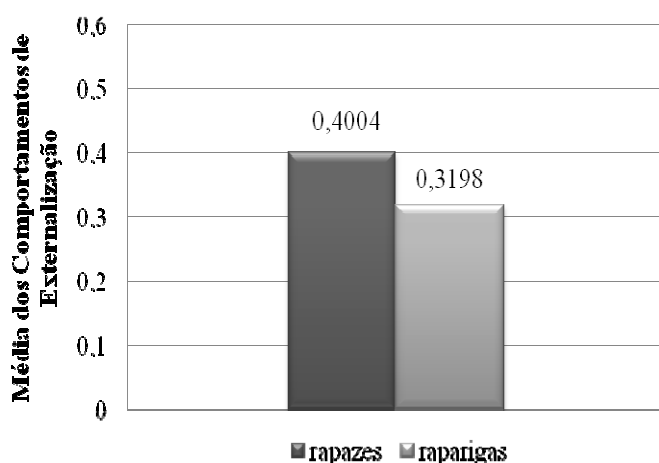


Figura 2: Médias dos Comportamentos de externalização em rapazes e raparigas.

Deste modo, os resultados por nós encontrados estão de acordo com as conclusões de investigações anteriores realizadas por Abad e colaboradores (2002), Roussos e colaboradores (2001).

#### Comparação entre Idades dentro do mesmo Género

##### *Comportamentos Agressivos em Rapazes pré-adolescentes*

Analisámos o efeito da idade dos rapazes quanto aos comportamentos agressivos relatados, ou seja, se se observam diferenças significativas entre os vários grupos etários dentro do género masculino, no que diz respeito aos comportamentos agressivos. Desta forma, para confirmar ou infirmar a hipótese 4 (os rapazes pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos agressivos), a metodologia estatística utilizada foi o Teste Kruskal-Wallis que compara médias entre três ou mais grupos independentes (Maroco, 2003). Os resultados obtidos neste teste encontram-se expostos a seguir (Tabela 6).

Tabela 6: Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género masculino na variável comportamentos agressivos.

Test Statistics <sup>a, b</sup>		
	Chi-Square	Sig.
Comportamentos Agressivos	4.021	.259

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade

De acordo com os resultados obtidos, não a rejeitamos hipótese nula ( $p = 0.259$ ) e confirmamos a hipótese (4), isto é, não se verificam diferenças significativas entre as idades examinadas nos rapazes pré-adolescentes. Assim, podemos concluir que nos rapazes, durante a pré-adolescência não se encontram efeitos significativos da variável idade.

Os resultados supra mencionados contradizem as conclusões de Abad e colaboradores (2002). Estes autores detectaram um aumento significativo dos comportamentos agressivos dos rapazes ao longo da fase pré-adolescente.

#### *Comportamentos de Oposição em Rapazes pré-adolescentes*

Em tudo semelhante aos procedimentos acima descritos, analisámos também o efeito da idade dos rapazes quanto aos comportamentos de oposição relatados. Pretendemos indagar, se a variável idade apresenta diferenças, dentro do género masculino, no que diz respeito aos comportamentos de oposição. Assim, para confirmar ou infirmar a hipótese 5 (os rapazes pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos de oposição) a metodologia estatística utilizada foi o Teste Kruskal-Wallis. Os resultados apurados por este teste encontram-se expostos na tabela seguinte (Tabela 7).

Tabela 7: Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género masculino na variável comportamentos de oposição.

Test Statistics <sup>a, b</sup>		
	Chi-Square	Sig.
Comportamentos de Oposição	15.910	.000

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade

Segundo os resultados auferidos, rejeitamos a hipótese nula ( $p = 0.000$ ) e infirmamos a hipótese 5. Deste modo, podemos afirmar que existem diferenças significativas entre os vários grupos etários analisados nos rapazes pré-adolescentes, quanto à manifestação de comportamentos de oposição.

Após os resultados que nos informam da existência de diferenças estatísticas significativas, é importante compreender onde se verificam essas diferenças, visto que estamos a comparar quatro grupos diferentes (11 anos; 12 anos; 13 anos e 14 anos). Para tal, utilizámos o Teste Mann-Whitney, que compara médias entre dois grupos independentes. Assim, realizámos seis testes comparando os grupos etários dois a dois. Os resultados encontram-se descritos na seguinte tabela, (Tabela 8).

Tabela 8: Testes Mann-Whitney para comparação de idades, dentro do género masculino.

	11	12	13	14
11		Sig. = 0.108	Sig. = 0.002	Sig. = 0.000
12			Sig. = 0.252	Sig. = 0.061
13				Sig. = 0.427
14				

Encontrámos diferenças significativas entre os rapazes com 11 e os com 13 anos ( $p = 0.002$ ), e entre os rapazes com 11 e os com 14 anos ( $p = 0.000$ ).

Para melhor apreender estas diferenças significativas que espelham efeitos da idade dentro do género masculino, caracterizámos descritivamente a subescala comportamentos de oposição. Observámos que nos rapazes a variável idade produz um impacto no sentido de aumentar em média os relatos de comportamentos de oposição (Figura 3).

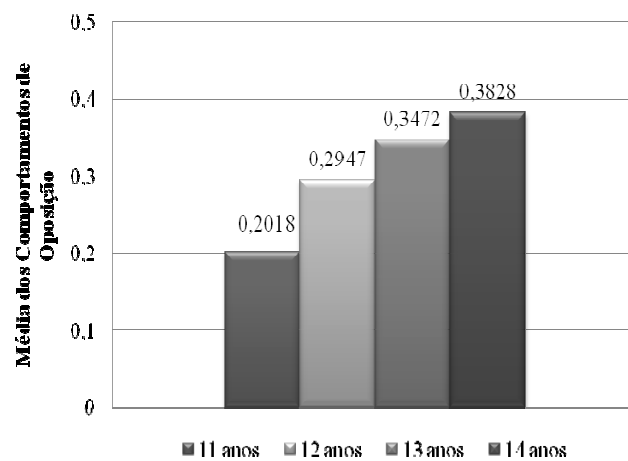


Figura 3: Médias dos Comportamentos de oposição em rapazes tendo em conta a idade.

Estes resultados vão assim ao encontro do que menciona Abad e colaboradores (2002). Na investigação levada a cabo por Roussos e colaboradores (2001), verificou-se que a variável idade apresenta nos rapazes diferenças significativas quanto aos comportamentos de oposição.



### *Comportamentos de Externalização em Rapazes pré-adolescentes*

Investigámos também se os comportamentos de externalização estão sujeitos ao impacto da idade, manifestando diferenças significativas entre os vários grupos etários. Com o intuito de confirmar ou infirmar a hipótese 6 (os rapazes pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos de externalização) utilizámos o Teste Kruskal-Wallis. Deparamo-nos com os resultados abaixo tabelados, (Tabela 9).

Tabela 9: Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género masculino na variável comportamentos de externalização.

Test Statistics <sup>a, b</sup>		
	Chi-Square	Sig.
Comportamentos de Externalização	10.389	.016

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade

Ao analisar os valores encontrados, rejeitamos hipótese nula ( $p = 0.016$ ) e infirmamos a hipótese 6. Deste modo, verificámos que existem diferenças significativas entre os vários grupos etários analisados nos rapazes pré-adolescentes, quanto à manifestação de comportamentos de externalização.

Estes resultados apontam somente o facto de que existem diferenças significativas entre os grupos etários estudados. Para chegarmos a um conhecimento mais aprofundado destas diferenças, realizámos o Teste Mann-Whitney para comparar os grupos dois a dois, e observarmos entre que idades os rapazes manifestam diferenças nos seus relatos de comportamentos de externalização. Os resultados encontram-se expostos na tabela seguinte, (Tabela 10).

Tabela 10: Testes Mann-Whitney para comparação de idades, dentro do género masculino.

	11	12	13	14
11		Sig. = 0.229	Sig. = 0.006	Sig. = 0.005
12			Sig. = 0.206	Sig. = 0.122
13				Sig. = 0.849
14				

Observámos a ocorrência de diferenças significativas entre os rapazes com 11 e os com 13 anos ( $p = 0.006$ ), e entre os rapazes com 11 e os com 14 anos ( $p = 0.005$ ).

Tendo em conta o aparecimento destas diferenças significativas, é do maior interesse explorar em que sentido as mesmas se expressam. Assim, caracterizámos de forma descritiva a variável comportamentos de externalização, e deparámo-nos com um aumento em média dos referidos comportamentos quando relatados por rapazes.

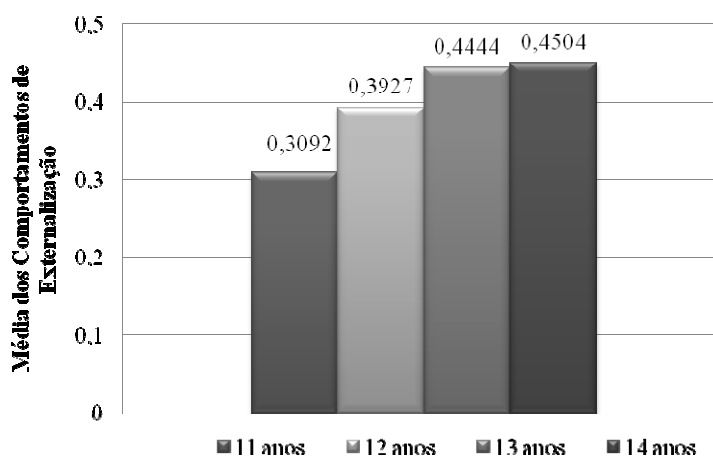


Figura 4: Médias dos Comportamentos de externalização em rapazes tendo em conta a idade.

Estes resultados vão assim ao encontro do que menciona Abad e colaboradores (2002). Na investigação destes autores, a idade apresentava um efeito significativo, de modo que os problemas de externalização aumentam à medida que a idade dos rapazes também aumenta.

### *Comportamentos Agressivos em Raparigas pré-adolescentes*

Investigámos o impacto da idade das raparigas relativamente aos comportamentos agressivos relatados pelas próprias. Assim, procurámos averiguar a presença de diferenças significativas entre os vários grupos etários dentro do género feminino, para desta forma, podermos confirmar ou infirmar a hipótese 7 (as raparigas pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos agressivos). Recorremos ao Teste Kruskal-Wallis que compara médias entre três ou mais grupos independentes (Maroco, 2003). Os resultados obtidos neste teste encontram-se expostos a seguir (Tabela 11).

Tabela 11: Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género feminino na variável comportamentos agressivos.

Test Statistics <sup>a, b</sup>		
	Chi-Square	Sig.
Comportamentos agressivos	1.926	.0580

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade

Em consonância com os resultados obtidos, não rejeitamos a hipótese nula ( $p = 0.580$ ) e confirmamos a hipótese (7), isto é, não se verificam diferenças significativas entre as idades estudadas nas raparigas pré-adolescentes. Estes valores permitem-nos concluir que nas raparigas durante a pré-adolescência não se encontram efeitos significativos da variável idade.

Os resultados acima descritos contradizem as conclusões de Abad e colaboradores (2002). No estudo realizado por estes autores verificou-se um aumento significativo dos comportamentos agressivos das raparigas à medida que a idade também aumentava.

### *Comportamentos de Oposição em Raparigas pré-adolescentes*

Com o intuito de explorar a variável idade dentro do grupo do género feminino, procurámos identificar a presença de diferenças significativas no que concerne aos comportamentos de oposição. Assim, para confirmar ou infirmar a hipótese 8 (as raparigas pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos de oposição) utilizámos o Teste Kruskal-Wallis. Os resultados apurados por este teste encontram-se expostos na tabela seguinte (Tabela 12).

Tabela 12: Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género feminino na variável comportamentos de oposição.

	Test Statistics <sup>a, b</sup>	
	Chi-Square	Sig.
Comportamentos de oposição	9.487	.023

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade

De acordo com os resultados obtidos, rejeitámos a hipótese nula ( $p = 0.023$ ) e infirmamos a hipótese 8. Esta valores indicam-nos a presença de diferenças significativas entre os vários grupos etários analisados nas raparigas pré-adolescentes, quanto à manifestação de comportamentos de oposição.

Levando em consideração a presença de diferenças significativas acima descrita, efectuámos Testes Mann-Whitney para comparar os grupos etários dois a dois. Este processo teve assim como objectivo revelar entre que idades se manifestam as referidas diferenças significativas, no que diz respeito aos comportamentos de oposição reportados pelas raparigas. Os valores auferidos pelos testes encontram-se na tabela seguinte, (Tabela 13).

Tabela 13: Testes Mann-Whitney para comparação de idades, dentro do género feminino.

	11	12	13	14
11		Sig. = 0.383	Sig. = 0.581	Sig. = 0.016
12			Sig. = 0.139	Sig. = 0.002
13				Sig. = 0.133
14				

Os dados indicam que existem diferenças significativas entre as raparigas com 11 e as com 14 anos ( $p = 0.016$ ), e entre as raparigas com 12 e as com 14 anos ( $p = 0.002$ ).

Os valores acima descritos indicam-nos a presença de diferenças significativas. Todavia não referem em que sentido estas surgem. Devido à relevância em compreender como se manifestam estas diferenças, caracterizámos descritivamente a subescala comportamentos de oposição. Observámos que nas raparigas a variável idade possui um efeito significativo quanto nos comportamentos de oposição (Figura 5).

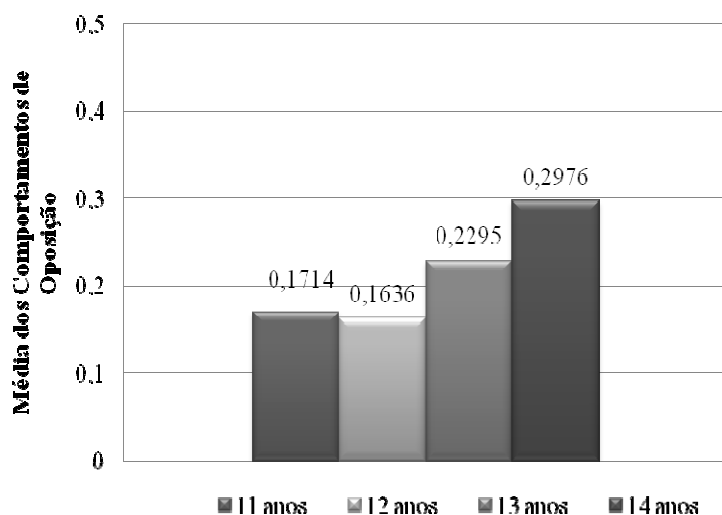


Figura 5: Médias dos Comportamentos de oposição em raparigas tendo em conta a idade.

Estes resultados corroboram os indícios apresentados por Abad e colaboradores (2002). Na investigação realizada por Broberg e colaboradores (2001), verificou-se que a variável idade manifesta diferenças significativas quanto aos comportamentos de oposição.

#### *Comportamentos de Externalização em Raparigas pré-adolescentes*

Por último, e de forma semelhante ao que acima referimos, estudámos também o efeito da idade das raparigas quanto aos comportamentos de externalização relatados pelas próprias. Assim, para confirmar ou infirmar a nossa hipótese 9 (as raparigas pré-adolescentes apresentam entre os vários grupos etários (11; 12; 13 e 14) um aumento nos níveis médios de comportamentos de externalização iguais) a metodologia estatística utilizada foi o Teste Kruskal-Wallis. Os resultados apurados por este teste encontram-se expostos na tabela seguinte (Tabela 14).

Tabela 14: Teste Kruskal-Wallis para comparação de grupos etários no género feminino na variável comportamentos de externalização.

	Test Statistics <sup>a, b</sup>	
	Chi-Square	Sig.
Comportamentos de externalização	6.138	.0105

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade

De acordo com os valores obtidos, não rejeitamos a hipótese nula ( $p = 0.105$ ) e confirmamos a hipótese 9, isto é, não se verificam diferenças significativas entre as idades estudadas nas raparigas pré-adolescentes. Estes valores permitem-nos concluir que nas raparigas durante a pré-adolescência não se encontram efeitos significativos da variável idade no que diz respeito aos comportamentos de externalização reportados pelas próprias jovens.

Os resultados por nós encontrados contradizem o que refere Abad e colaboradores (2002), no que concerne aos problemas de externalização relatados pelas raparigas. No estudo realizado por estes autores verificou-se uma relação positiva entre a idade das raparigas e os problemas de externalização.

## DISCUSSÃO

Face à relevância social dos problemas de externalização, dos comportamentos agressivos e de oposição, pretendemos com este estudo, obter alguma informação sobre a dimensão destes constructos numa amostra “não-clínica” de pré-adolescentes, fazendo uma comparação entre géneros.

Deste modo, este estudo teve como objectivo a comparação dos comportamentos agressivos, de oposição, e problemas de externalização relatados por rapazes e por raparigas pré-adolescentes. Fez ainda parte dos objectivos deste estudo a verificação do impacto da variável idade dentro cada género, no que concerne aos comportamentos referidos no ponto anterior.

Devido ao facto, de neste estudo não se ter constituído um grupo de controlo, bem como pelo facto de não existirem valores normativos do questionário por nós utilizado (YSR de Achenbach e Rescorla 2001), para a população portuguesa, os resultados por nós obtidos devem-se circunscrever apenas à amostra recolhida. Assim as comparações e conclusões efectuadas tiveram sempre como fim a amostra em estudo o que deverá estar sempre presente na interpretação destes dados.

É importante frisar que neste estudo recorremos a um questionário de auto-avaliação, no qual os jovens relataram a frequência dos seus próprios comportamentos. Assim, sempre que nos referimos aos valores obtidos neste estudo, relativamente aos comportamentos agressivos, de oposição, bem como aos problemas de externalização, estamos a falar da percepção que os pré-adolescentes têm dos seus próprios comportamentos.

Os resultados significativos ( $\alpha = 0.05$ ) obtidos neste estudo para as várias hipóteses por nós levantadas, permitem-nos destacar algumas conclusões. Todavia, nem todas se encontram de acordo com as expectativas iniciais baseadas na revisão de literatura, e em estudos empíricos realizados por diversos autores.

Atendendo aos resultados auferidos, verifica-se que os valores dos comportamentos agressivos não apresentam diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de rapazes e o grupo de raparigas. De um modo geral, podemos assim afirmar que a variável género não produz um efeito significativo relativamente aos comportamentos agressivos. No entanto, apesar de não existirem diferenças significativas, analisando as médias amostrais observa-se que os rapazes apresentam valores médios de comportamentos agressivos ( $M=0.4943$ ,  $DP=0.3315$ ) superiores aos das raparigas ( $M=0.4292$ ,  $DP=0.2648$ ).

Os dados deste estudo relativos aos comportamentos agressivos, são contraditórios ao que alguns investigadores têm vindo a verificar, de que os rapazes apresentam mais comportamentos agressivos do que as raparigas (Maccoby & Jacklin, 1980; Achenbach, 1991; Achenbach & Rescorla, 2001; Roussos et al., 2001; Abad, Forns & Gómes, 2002). No entanto, os resultados obtidos neste estudo vêm corroborar as conclusões a que chegaram outros autores, que referem não existir diferenças significativas entre géneros relativamente aos comportamentos agressivos (Broberg et al., 2001; Heyerdahl, Kvernmo & Wichstrom, 2004).

A explicação para os resultados referidos no parágrafo anterior, poderá dever-se ao facto da subescala de comportamentos agressivos do questionário YSR conter itens que descrevem comportamentos inerentes às diferentes manifestações de agressividade, como sejam, agressividade verbal, (ex: “Ameaço magoar outras pessoas”), agressividade física (ex: “Ataco fisicamente outras pessoas”), ou agressividade relacional (ex: “Sou mau/á para os outros”). Diversos autores apontam a existência de uma forma predominante para cada género exteriorizar a agressividade. Assim, os rapazes expressão a agressão de uma forma directa (física ou verbal), e as raparigas de uma forma indirecta ou relacional (Parke & Slaby, 1983; Burton et al., 2007). Deste modo, e uma vez que o instrumento utilizado (YSR) contempla as diversas formas de exteriorização da agressividade, esta poderá ser a razão de não terem sido encontradas diferenças entre géneros no que respeita à média de comportamentos agressivos. Poderemos também considerar o facto de nesta faixa etária que se dar a transição da agressividade directa para indirecta no caso dos rapazes, ou seja, a manifestação da agressividade nos rapazes passa a realizar-se de forma muito semelhante à das raparigas (Crick, 1995; Crick & Grotepeter, 1995), o que poderá explicar a ausência de diferenças significativas verificadas.



Relativamente aos resultados obtidos neste estudo no que concerne aos comportamentos de oposição, encontrámos evidências estatísticas que nos permitem afirmar que existem diferenças entre género. Os rapazes apresentam em média mais comportamentos de oposição do que as raparigas. Deste modo, verifica-se que estes valores se mantêm em conformidade com as conclusões referidas em investigações anteriores (Broberg et al., 2001; Roussos et al. 2001; Achenbach & Rescorla, 2001; Heyerdahl, Kvernmo & Wichstrom 2004).

No que diz respeito aos problemas de externalização, os valores encontrados nesta investigação são consistentes com os numerosos estudos que referem o efeito da variável género neste tipo de problemas (Abad et al., 2002; Roussos et al., 2001; Besser & Blatt, 2007). Segundo os resultados obtidos, os rapazes reportam em média mais sintomas de externalização do que as raparigas, sendo estas conclusões corroboradas por diversas investigações (Horwitz & White, 1987; Huselid & Cooper, 1994; Achenbach & Rescorla, 2001).

Relativamente ao segundo objectivo deste estudo, que se prendia com a verificação do efeito da variável idade quanto aos comportamentos agressivos, de oposição e problemas de externalização, apenas alguns dos resultados obtidos se encontram de acordo com as conclusões apontadas pela literatura (comportamento de oposição e problemas de externalização reportados pelos rapazes, e comportamentos de oposição reportados pelas raparigas). Podemos afirmar com base nestes resultados, e de forma abrangente, que se apura uma forte concordância com as conclusões a que chegaram inúmeros autores (Abad et al., 2002; Heyerdahl, Kvernmo & Wichstrom 2004; Lahey et al., 2000; Roussos et al., 2001). Deste modo, verificámos que a variável idade tem um efeito positivo nos comportamentos estudados, isto é, o aumento da idade é acompanhado por um aumento no relato de comportamentos de oposição nos dois géneros, já no que diz respeito aos problemas de externalização a variável idade apenas manifestou impacto no género masculino.

No entanto, a variável idade não demonstrou afectar significativamente o comportamento agressivo em nenhum dos géneros. No entanto, analisando os valores das médias amostrais obtidas pelos rapazes das várias faixas etárias, e também pelas raparigas das mesmas idades, observa-se um aumento dos comportamentos agressivos, à medida que a idade, tanto dos rapazes como das raparigas também aumenta. Contudo, este aumento não expressou a nível estatístico qualquer diferença significativa.

As conclusões descritas na análise do ponto anterior, apesar de baseadas em indicadores estatisticamente significativos, são contrárias às apontadas por diversos autores (Abad et al., 2002; Heyerdahl, Kvernmo & Wichstrom 2004; Roussos et al., 2001), segundo os quais a variável idade estabelece uma relação positiva com os comportamentos agressivos para ambos os géneros.

Em suma, tendo em conta os resultados auferidos neste estudo referentes ao efeito da idade, podemos concluir que esta variável tem um impacto positivo nos comportamentos de oposição e problemas de externalização nos rapazes, e nos comportamentos de oposição nas raparigas.

Considerando as fundamentações teóricas previamente apresentadas neste estudo, que referem que os problemas de externalização incluem os comportamentos agressivos e comportamentos de oposição (Horwitz & White, 1987; Achenbach 1991; Huselid & Cooper, 1984; Achenbach & Rescorla, 2001), os resultados por nós encontrados são consistentes com a teoria de alguns autores, que referem que a prevalência de comportamentos de externalização aumenta durante a adolescência (Moffitt, 1993), e que as diferenças de género nos problemas de externalização emergem na pré-adolescência (Fleming & Offord, 1990; Cohen et al., 1993).

Os resultados obtidos vão também ao encontro da abordagem dinâmica de alguns autores anteriormente referidos, de que na adolescência existe uma maior tendência para a externalização através do agir, devido à dificuldade em elaborar emoções intensas e conflitos internos activos característicos desta fase (Fleming, 2005b), e que os comportamentos de externalização agidos são uma das formas de expressão privilegiadas dos conflitos e das angústias, adoptadas pelos adolescentes (Marcelli & Braconnier, 2005). Deste modo, o facto de verificarmos um aumento significativo de alguns comportamentos de externalização, à medida que aumenta a idade dos rapazes e das raparigas pré-adolescentes, comprova de alguma forma as teorias dos autores acima mencionados.

A realização deste trabalho enfrentou a limitação referente à escassez de literatura de suporte à abordagem delineada para esta investigação, a grande maioria dos estudos assenta

apenas em evidências empíricas o que dificulta a construção de argumentos lógicos de justificação das conclusões.

## CONCLUSÃO

Neste estudo, tivemos oportunidade de observar e reflectir sobre o facto de os problemas de externalização, manifestarem diferenças significativas entre géneros, e um aumento durante a fase pré-adolescente.

Relativamente à comparação realizada entre géneros, encontramos diferenças significativas quanto aos comportamentos de oposição e aos problemas de externalização reportados pelos próprios jovens. No entanto, os resultados obtidos neste estudo, demonstraram que os comportamentos agressivos não representam diferenças estatisticamente significativas entre os relatos de rapazes e de raparigas. Em todas as variáveis estudadas, tanto as que manifestaram diferenças significativas como as que não revelaram tais diferenças, observámos que os rapazes reportam em média mais sintomas de externalização do que as raparigas.

No que diz respeito à comparação entre idades dentro do mesmo género, podemos mencionar de forma abrangente, que a variável idade tem impacto positivo na manifestação de sintomas de externalização durante o período pré-adolescente, tanto em rapazes como em raparigas. É importante voltar a referir que por problemas de externalização, entendemos um conjunto de manifestações que são exteriorizadas, quer por comportamentos agressivos, quer por comportamentos de oposição (Achenbach & Rescorla, 2001).

Ao longo desta investigação, foram identificadas algumas limitações, bem como algumas considerações para posteriores estudos.

Uma amostra de maiores dimensões permitiria a possibilidade de realizar uma análise factorial ao instrumento YSR, com o intuito de procurar explicar a correlação entre as variáveis observáveis, resumindo os dados obtidos através da restrição do número de variáveis necessárias para os descrever (Pestana & Gajreiro, 2003). Assim, a dimensão da amostra não possibilitou realizar a aferição do instrumento por nós utilizado.

Apesar das limitações apontadas, espera-se que esta investigação sirva de ponto de partida para outros estudos nesta área, no sentido de aferir um questionário que para além de ser utilizado em quase todo o mundo, tem provado em estudos realizados em vários países, que possui boas qualidades psicométricas (Achenbach, Rescorla, & Verhulst, 2001).

Seria então importante realizar um estudo, com uma dimensão de amostra que permitisse realizar uma análise factorial ao questionário YSR, bem como uma posterior análise confirmatória. A importância desta validação prende-se não só com o facto de esta ser uma metodologia bastante utilizada, mas também pelo facto de ser um questionário de auto-avaliação, sendo que relativamente a problemas de externalização, os auto-relatos têm provado conseguir melhores resultados do que questionários dirigidos por exemplo aos pais (Fonseca et al., 1995).

A amostra recolhida para este trabalho encontra-se restringida a idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos inclusive, contudo tendo em conta o facto de o questionário YSR ser indicado para adolescentes entre os 11 e os 18, seria então extremamente útil a recolha de dados junto de adolescentes destas mesmas idades.

Podemos avançar que este estudo, bem como a aplicação do instrumento inserem-se no âmbito mais vasto duma investigação, que tem como objectivo a validação do questionário YSR, para a população portuguesa.

Com este estudo, apercebemo-nos que há ainda um vasto leque de questões a explorar e a investigar, relativamente aos problemas de externalização, comportamentos agressivos e de oposição. Seria interessante averiguar, por exemplo, uma comparação entre estas variáveis e questões de vinculação, pois seguindo a ideia de Winnicott (1956), de que um período de privação emocional vivenciado precocemente na tenra infância, poderia promover ao que o autor chamou de “tendências anti-sociais”.

Parece importante mencionar que o nosso estudo reflecte uma sugestão de um autor português (Fonseca et al., 1994), que ao realizar uma investigação na qual utilizou uma tradução portuguesa, da versão para pais do questionário *Child Behavior Checklist* de Achenbach (1991) (cit. Fonseca et al., 1994), refere que “... seria interessante verificar em

futuros trabalhos quais os problemas de comportamento mais frequentemente mencionados pelos alunos, através de instrumentos de auto-avaliação tais como, por exemplo, o Youth Self-Report de Achenbach” (Fonseca et al., 1994, p. 68).

Por último, esperamos que este trabalho venha alertar a sociedade, mas principalmente os profissionais de saúde para o facto de que as manifestações de problemas de externalização nos pré-adolescentes, apesar de parecerem por vezes ter um carácter adaptativo, é importante a detecção precoce destes mesmos problemas, no sentido de encontrar estratégias que possibilitem a intervenção e principalmente a prevenção de possíveis patologias ligadas a estes problemas, como é o caso da delinquência (Farrington, 2004).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abad, J., Forns, M. & Gómez, J. (2002). Emotional and behavioral problems as measured by the YSR – Gender and age differences in spanish adolescents. *European Journal of Psychological Assessment*, 18, 2, 149-157.
- Achenbach, T. M. & Edelbrock, C. S. (1978). Classification of child psychopathology – review and analysis of empirical efforts. *Psychological Bulletin*, 85, 1275-1301.
- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Youth Self-Report and 1991 YSR Profile*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, and Families.
- Achenbach, T. M., Rescorla, L. A. & Verhulst, F. (2001). Epidemiological comparisons of problems and positive qualities reported by adolescents in 24 countries. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 75, 2, 351-358.
- American Psychiatric Association (2002). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais (DSM-IV-TR)* (4ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Besser, A. & Blatt, S. J. (2007). Identity consolidation and internalizing and externalizing problem behaviors in early adolescence. *Psychoanalytic Psychology*, 24, 1, 126-149.
- Björkqvist, K., Lagerspetz, K. M. J. & Kaukiainen, K. (1992). Do girls manipulate and boys fight? Developmental trends in regard to direct and indirect aggression. *Aggressive Behavior*, 18, 117-127.

- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. In A. Freud (Ed.), *Psychoanalytic Study of the child* (Vol. 2, pp. 162-186). New York: International Universities Press.
- Blos, P. (1998). *Adolescência. Uma Interpretação Psicanalítica* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Boubli, M. (2001). *Psicopatologia da criança*. Lisboa: Climepsi.
- Bowlby, J. (2001). *Formação e Rompimento dos laços afectivos* (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Braconnier, A., & Marcelli D. (2000). *As mil-faces da Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Burton, L. A., Hafetz, J., & Henninger D. (2007). Gender differences in relational and physical aggression. *Social Behavior and Personality*, 35, 1, 41-50.
- Campbell, A., Sapochnik, M., & Maucer, S. (1997). Sex differences in aggression: Does social representation mediate form of aggression?. *Journal of Social Psychology*, 36, 161-171.
- Claes, M. (1985). *Os Problemas da Adolescência*. Lisboa: Edições Verbo.
- Cohen, P., Cohen, J., Kasen, S., Velez, C. N., Hartmark, C., Johnson, J., et al. (1993). An epidemiological study of disorders in late childhood and adolescence. I. Age and gender-specific prevalence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 34, 851-867.
- Crick, N. R. (1995). Relational aggression: The role of intent attributions, feelings of distress, and provocative type. *Development and Psychopathology*, 7, 313-322.



- Crick, N. R., & Grotpeter, J. K. (1995). Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. *Child development*, 66 (3), 710-722.
- De Castro, R. V. & Lima, L.C. (1987). Insucesso e selecção social na disciplina de português: O(s) discurso(s) dos professores – uma abordagem interdisciplinar. *Psicologia*, 5, 3, 299 – 310.
- Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Eagly, A. H., & Steffen, V. J. (1986). Gender and aggressive behaviour: A meta-analytic view of the social psychological literature. *Psychological Bulletin*. 100 (3), 309-330.
- Farrington, D. P. (2004). O estudo de desenvolvimento da delinquência de Cambridge: principais resultados dos primeiros 40 anos. In Fonseca, A. C. (2004), *Comportamento anti-social e crime – da infância à idade adulta* (pp. 73-132). Coimbra: Almedina.
- Fitzpatrick, C., & Deechan, A. (1999). Competencies and problems of Irish children and adolescents. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 8, 1, 17-23.
- Fleming, J. E., & Offord, D. R. (1990). Epidemiology of childhood depressive disorders: A critical review. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 29, 571–580.
- Fleming, M. (2005a). A separação adolescente – progenitores. In M. Fleming, *Entre o medo e o desejo de crescer – Psicologia da Adolescência* (pp. 71-96). Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2005b). O adolescente e a violência. In M. Fleming, *Entre o medo e o desejo de crescer – Psicologia da Adolescência* (pp. 209-218). Porto: Edições Afrontamento.

- Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo J. A., Ferreira & Cardoso, F. (1995). Comportamentos anti-sociais referidos pelos próprios alunos – Novos dados para a população portuguesa do ensino básico. *Psychologica*, 14, 39-57.
- Fonseca, A. C. & Simões, M. C. (2002). Estudo do comportamento anti-social: algumas considerações metodológicas. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família – Uma abordagem científica* (pp. 475-499). Coimbra: Almedina.
- Fonseca, A. C. & Simões, M. C. (2004). Comportamento anti-social: técnica e instrumentos de avaliação. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime – da infância à idade adulta* (pp. 39-72). Coimbra: Almedina.
- Freud, S. (1989). Textos Essências de Psicanálise, Volume II – *A Teoria da Sexualidade*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Frodi, A., Macaulay, J., & Thome, P. R. (1977). Are women always less aggressive than men? A review of the experimental literature. *Psychological Bulletin*, 84, 634-660.
- Geen, R. G. (1998). Agression and antisocial behaviour. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (4<sup>th</sup> ed., Vol. 2, pp. 317-356). New York: Mcgraw-Hill.
- Gomez, L. (2005). *Uma introdução às relações de objecto*. Lisboa: Climepsi.
- Hambleton, R. K., & Patsula, L. (1999). Increasing the validity of adapted tests: Myths to be avoided and guidelines for improving test adaptation practices. *Journal of Applied Testing Technology*, 1, 1, 1-30.
- Hambleton, R. K. (2001). The Next Generation of the ITC Test Translation and Adaptation Guidelines. *European Journal of Psychological Assessment*, 17, 3, 164-172.

- Houzel, D. (2004). *Dicionário de Psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: Climepsi.
- Horwitz, A. V., & White, H. R. (1987). Gender role orientations and styles of pathology among adolescents. *Journal of Health and Social Behavior*, 28, 158–170.
- Huselid, R. F. & Cooper, M. L. (1994). Gender roles as mediators of sex differences in expressions of pathology. *Journal of Abnormal Psychology*, 103, 595–603.
- Klein, M. (1927). Tendências criminosas em crianças normais. In M. Klein, (Ed.), *Amor, Culpa e Reparação*, Rio de Janeiro, Imago.
- Klein, M. (1933). O desenvolvimento inicial da consciência na criança. In M. Klein, (Ed.), *Amor, Culpa e Reparação*, Rio de Janeiro, Imago.
- Klein, M. (1980). *Novas Tendências na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Lagerspez, K. M. J., & Björkqvist, K. (1994). Indirect aggression in boys and girls. In L.R. Huesmann (Ed), *Aggressive behaviour: Current perspectives* (pp. 131-150). New York: Plenum.
- Lambert, E., Wahler, R., Andrade, A. & Bickman, L. (2001). Looking for the disorder in conduct disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, 110, 110-123.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. P. (1990). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Editorial Presença.
- Maccoby, E., & Jacklin, C. N. (1974). *The development of sex differences*. Stanford: Stanford university Press.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (2005). *A adolescência e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.

- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística – Com a utilização do SPSS* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 674-701.
- Nouchka, T., van der Ende, J. & Verhulst, F. C. (2008). Ten-year trends in self-reported emotional and behavioral problems of dutch adolescents. *Social Psychiatry and psychiatric Epidemiology*, 43, 349-355.
- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. & Hutz, C. (2005). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência – Uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 18,1, 55-61.
- Parke, R. D. & Slaby, R. G. (1983). The development of aggression. In P. H. Mussen (Ed.), *Handbook of Child Psychology* (4<sup>th</sup> ed., Vol. 4, pp. 547-605). New York: John Wiley.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do spss* (3ª ed.). Lisboa: Sílabo.
- Shepheral, R., Johns, J. & Robinson, H. (1996). D. W. Winnicott, *Pensando sobre as crianças*. São Paulo: Artes médicas.
- Steinberg, L. (2008). *Adolescence* (8ª ed.). New York: McGraw-Hill.
- Van de Vijver, R. J. R., & Hambleton, R. K. (1996). Translating tests: Some practical guidelines. *European Psychologist*, 1, 2, 89-99.
- Winnicott, D. (1939). Agressão e suas raízes. In: *Privação e delinquência*, São Paulo, Martins Fontes.

Winnicott, D. (1956). A tendência anti-social. In *Privação e delinquência*, São Paulo, Martins Fontes.

## ANEXOS

## Anexo A: Quadro Sinóptico

Titulo	Ano	Autor(es)	Objectivos	Amostra	Principais Resultados	In:
Evaluación de la conducta Adolescente: existe concordância Entre diferentes informantes?	2007	Cristina Medina, J. Blas Navarro, Patricia Martinen a, e outros.	a) Explorar sistematicamente padrões de acordo entre adolescentes, professores e pais, que informarão sobre problemas comportamentais em adolescentes na população em geral; b) E naqueles casos em que nenhum acordo for encontrado, analisar-se-á o grau de divergência entre cada par de informantes para cada sub-escala.	160 triades de pais, professores e adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos.	. Concordância entre informantes é baixa, principalmente nas escalas de internalização. . Concordância mais alta nas sub-escalas de atenção e comportamento agressivo, escala de externalização e total.	Salud Mental, Vol. 30, No. 5, Septiembre-October 2007
Epidemiological Comparisons of Problems and Positive Qualities Reported by Adolescents in 24 countries	2007	Leslie Rescorla, Thomas Achenbach, Masha Y. Ivanova, e outros.	a) Os autores compararam as classificações dos problemas emocionais e comportamentais dos adolescentes da população em geral, e as qualidades positivas do YSR, numa amostra de 24 países.	Adolescentes de 24 países que fazem um total de 27.206 jovens. Para os 24 países, n variou de 301 em Porto Rico para 2542 no Japão. (N=27.206)	. Em toda a parte, (à excepção da Roménia) as raparigas obtiveram resultados significativamente mais altos do que os rapazes no Total dos Problemas, nas três síndromes que compõem a escala de internalização, e nas três escalas orientadas-DSM que reflectem os problemas de tipo internalizante. . Os rapazes obtiveram resultados mais altos na externalização e nas duas síndromes que a constituem, e nos Problemas de conduta orientados-DSM	Journal of Consulting and Clinical Psychology, 2007, Vol.75, No. 2, 351-358.
Self-reported competences and problems in Spanish adolescents: A normative study of the YSR	2007	Marta Sandoval, Serafin Lemos e Guillermo Vallejo	a) Padronizar as competências e os problemas emocionais e comportamentais dos adolescentes Espanhóis, utilizando o YSR de Achenbach. b) e comparar os resultados do estudo com os noutros países.	2.822 Adolescentes (1.514 raparigas e 1308 rapazes) com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos de duas regiões Espanholas. (N=2.822)	. Existem diferenças significativas no Total de problemas de comportamento entre rapazes e raparigas, tendo os rapazes maior pontuação na síndrome de externalização e as raparigas maior pontuação na síndrome de internalização. . Nas escalas de competência social, os rapazes obtiveram maior pontuação que as raparigas. . As diferenças entre sexos, encontradas no YSR, foram	Psicothema, 2006, Vol. 18, Nº. 4, pp. 804-809

					semelhantes às encontradas noutras culturas. . Observou-se uma clara tendência de aumento dos problemas comportamentais com o aumento da idade. . A competência social parece ser um factor importante de protecção contra os problemas comportamentais.	
The Generalizability of the Youth Self-Report Syndrome Structure in 23 Societies	2007	Masha Y. Ivanova, Thomas M. Achenbach, Leslie A. Rescorla, e outros.	a) Testar o ajuste da versão de 2001, do YSR – síndrome, a partir dos dados de 23 sociedades.	Adolescentes de 23 países que compõem uma amostra total de 30.243 jovens, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos.	. Apesar dos muitos factores que podem ter contribuído para as diferenças entre as sociedades, a correlação mostra que o modelo das oito síndromes encaixa muito bem em cada sociedade. . Os resultados deste estudo são consistentes com os resultados encontrados para pais e professores relativamente às classificações dos problemas comportamentais e emocionais.	Journal of Consulting and Clinical Psychology, 2007, Vol.75, No. 5, 729-738.
“It Does Affect Me” Disruptive Behaviors in Preadolescents Directly and Indirectly Abused at Home	2007	Anna C. Baldry	a) Determinar o impacto independente de formas directas e indirectas de violência doméstica, sobre a ocorrência de comportamentos de externalização (agressivos e delinquentes), numa amostra não clínica de jovens italianos.	532 adolescentes dos 9 aos 15 anos de idade.	. Foram encontrados altos níveis de comportamento agressivo e delincente, comparando com dados normativos. . Foram também encontrados altos níveis de abuso familiar, directo e indirecto, relatados pelos jovens. . Os rapazes obtiveram níveis mais altos de comportamentos de externalização, relativamente às raparigas. . A exposição a violência doméstica está significativamente correlacionada com comportamento delincente e agressivo.	European Psychologist 2007; Vol. 12(1): 29-35



The ability of YSR scales to predict DSM/DISC-C psychiatric disorders among incarcerated male adolescents	2006	Coby Vreugdenhil, Wim Brink, Robert Ferdinand, Luuk Wouters, Theodor Doreleijers	a) Investigar se as escalas empíricas ou as escalas orientadas-DSM do YSR podem ser usadas na triagem de transtornos psiquiátricos entre rapazes encarcerados.	196 rapazes encarcerados, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. (N=196)	. Apenas 22% tiveram no YSR, no total de problemas resultados na faixa clínica, considerando que 90% preencheram critérios de pelo menos um transtorno do DSM. . Foram encontradas fracas associações entre ambas as escalas empíricas e a escala orientada-DSM do YSR e os diagnósticos do DSM/DISC-C.	European Child & Adolescent Psychiatry (2006) Vol. 15, No. 2
The Relation Between Dimensions of Attachment and Internalizing or Externalizing Problems During Adolescence	2006	Michael Ronnlund, Erika Karlsson	a) Apurar a relação entre as dimensões da vinculação e os problemas internalizantes e externalizações que são avaliados no YSR. . Neste estudo foi utilizado como instrumento, para além do YSR, o Attachment Style Questionnaire (ASQ).	62 Adolescentes (26 rapazes e 36 raparigas) com 15 e 16 anos de idade. (N=62)	. Considerando o ASQ, as raparigas obtiveram resultados mais altos que os rapazes. . As dimensões da vinculação, avaliadas na ASQ, são poderosas predictoras de problemas de internalização nos adolescentes.	The Journal of Genetic Psychology, 2006, 167(1), 47-63
Self-Reported behavioural/emotional problems in Norwegian adolescents from multiethnic areas	2004	Sonja Heyerdahl, Siv Kvernmo, Lars Wichstrøm	a) Descrever os problemas comportamentais e emocionais de adolescentes de três grupos étnicos diferentes do norte da Noruega, utilizando o YSR de Achenbach.	2.647 Adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos.	. Os resultados das raparigas foram superiores aos dos rapazes no Total de Problemas, nos Problemas Internalizantes, nas escalas de Síndrome de Internalização e na de Problemas de Atenção. . Os rapazes obtiveram resultados superiores nos Comportamentos Delinquentes. . Foram encontradas poucas diferenças entre os diferentes grupos étnicos. . Não foram no entanto encontradas diferenças tendo em conta a idade dos participantes. . O extracto sócio-económico e a localização urbano ou rural, não mostrou ter efeitos significativos nas síndromes de internalização e externalização. . O facto dos adolescentes viverem juntamente com os dois pais, mostrou ter efeito no Total de Problemas, nas Síndromes de Internalização e de externalização.	European Child & Adolescent Psychiatry, 13 (2004): 64-72

Comparisons of Problems Reported by Youths From Seven Countries	2003	Frank C. Verhulst, Thomas M. Achenbach, Jan van der Ende, e outros.	a) Comparar as pontuações dos problemas comportamentais e emocionais, auto-informados por adolescentes de sete países.	7.137 Adolescentes com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos. A amostra foi constituída por jovens de sete países, Austrália, China, Israel, Jamaica, Países Baixos, Turquia e E.U.A.	. No total de problemas, as raparigas obtiveram resultados significativamente superiores aos rapazes. . Para a internalização, externalização, e para as oito escalas de síndrome, a ANOVA mostrou efeitos significativos da cultura em cada escala. . Para oito das dez escalas, foram encontrados efeitos significativos relativamente à idade, com resultados superiores para os adolescentes mais velhos. . Todas as diferenças reflectem resultados superiores para as raparigas do que para os rapazes, excepto para a externalização e para as escalas de comportamento delinquente, onde os rapazes obtiveram resultados superiores às raparigas. . Na escala de competência social, os rapazes obtiveram resultados superiores às raparigas em Israel, Austrália, Países Baixos, e nos Estados Unidos da América, considerando que nas outras culturas, as raparigas obtiveram resultados superiores aos rapazes.	American Journal of Psychiatry, 2003; 160, 1479-1485.
Self-Reported competencies and problems among Swedish adolescents: a normative study of the YSR	2001	A. G. Broberg, K. Ekeröth, P. A. Gustafsson, K. Hansson, e outros.	a) Padronizar as competências e os problemas emocionais e comportamentais entre os adolescentes Suecos, utilizando o YSR de Achenbach.	2.522 Adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos.	. Os resultados mostraram que os efeitos de género e idade eram pequenos mas significantes, com as raparigas a obterem resultados superiores aos rapazes na maioria das escalas, e com os adolescentes de 15 aos 16 anos a obterem resultados superiores aos mais novos e aos mais velhos. . Na escala de competência social foi encontrado um efeito significativo do género, com os rapazes a obterem resultados superiores às raparigas. . As correlações entre os problemas de internalização e externalização foram 0.51 para os rapazes e 0.49 para as raparigas.	European Child & Adolescent Psychiatry, 10 (2001): 186-193

The standardization of Achenbach's Youth Self-Report in a national sample of high school students	2001	A. Roussos, K. Francis, V. Zoubou, S. Kiprianos, e outros.	a) Padronizar as competências e os problemas emocionais e comportamentais entre os adolescentes Gregos, de várias localidades da Grécia, utilizando o YSR de Achenbach.	1.456 Adolescentes com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos.	. A localidade de residência não mostrou ter efeito significativo em nenhuma escala. . O efeito do género foi estatisticamente significativo para a escala de Isolamento, Queixas Somáticas, Ansioso/Deprimido, escala de Internalização e de Problemas Totais, com as raparigas a obterem resultados superiores, e para o Síndrome de Comportamentos Delinquentes, Comportamentos Agressivos e Escala de Externalização com os rapazes a obterem resultados superiores. . O efeito da idade foi estatisticamente significativo para a escala de Ansioso/Deprimido, Problemas de Atenção, Comportamento Delinquente, Comportamento Agressivo, escala de Externalização e de Problemas Totais. Os resultados em todas estas escalas têm tendência a aumentar com a idade. . A média dos resultados dos adolescentes Gregos foram superiores às dos Americanos em todas as escalas. . Na escala Social os rapazes obtiveram resultados superiores às raparigas, e na escala de Actividades, as raparigas obtiveram resultados superiores aos rapazes.	European Child & Adolescent Psychiatry, Vol. 10, No. 1 (2001): 47-53
Competencies and problems of Irish children and adolescents	1999	C. Fitzpatrick e A. Deehan	a) Investigar os problemas comportamentais e emocionais e as competências das crianças e adolescentes Irlandeses, utilizando o CBCL ( <i>Child Behavior Checklist</i> ) e o YSR.	481 pais de jovens com idades entre os 7 e os 9 anos, preencheram o CBCL. 240 adolescentes com idades entre os 13 e os 15 anos, preencheram o YSR.	. Os jovens Irlandeses, de todas as idades, obtiveram resultados significativamente mais baixo que os seus homólogos Americanos, sobre as medidas de competências, independentemente de serem relatados pelos próprios ou pelos seus pais. . Os resultados do total de problemas e os resultados de externalização aumentam com a idade, um padrão no qual os jovens Irlandeses diferiam dos demais na maioria das culturas.	European Child & Adolescent Psychiatry, 8 (1999): 17-23

## **Anexo B: Carta de Consentimento às Escolas**

Exm. Senhor  
Presidente da Comissão Executiva Instaladora do  
Agrupamento vertical das Escolas das Naus - Lagos

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia na vertente clínica, do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), Cláudia Candeias e Júlia Pereira, vimos solicitar a V.Ex. que nos conceda o seu aval para a realização de um estudo sobre os comportamentos dos pré-adolescentes e em simultâneo realizar-se-á a validação para a população portuguesa do instrumento utilizado no referido estudo.

Para que conste, o trabalho em causa não promove qualquer situação de risco para os participantes, assim comprometemo-nos desde já a respeitar todos os critérios de segurança preestabelecidos. Solicitamos assim a vossa colaboração no sentido de nos ser facultada a identificação de pré-adolescentes, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Pelo facto de se realizar neste estudo a validação de um instrumento, não existe número máximo de participantes, assim sendo, todos os jovens que se encontrem na referida faixa etária serão de extrema importância.

O presente estudo irá decorrer, após a obtenção da autorização concedida por V.Ex.

O instrumento utilizado para recolha de dados será um questionário, o YSR (Youth Self Report) de Achenbach.

O questionário de Achenbach, YSR, irá fornecer o perfil social e o perfil comportamental dos jovens. O modo de resposta dado pelas mesmas, permite-nos analisar questões de comportamento quer internas quer externas, visando a compreensão do modo de ser e estar dos respectivos jovens, diferindo sempre entre eles os contextos familiares.

No YSR, as questões estão propostas do seguinte modo: as questões internas são decompostas em sub-escalas: de Ansiedade e Depressão; Retraimento Social; e Problemas Somáticos. As questões do comportamento externas, são divididas: em Comportamentos Delinquentes e Comportamentos Agressivos.

Garantimos todo o anonimato dos jovens participantes, assim como da informação recolhida, que será destruída após a conclusão da Tese de Mestrado. Em agradecimento da sua disponibilidade, propomo-nos facultar-lhe um exemplar da nossa Tese quando concluída.

Desde já informamos, que nos encontramos totalmente disponíveis, para qualquer esclarecimento sobre os procedimentos a adoptar, no desenvolvimento do referido estudo. Nesse sentido, contactaremos pessoalmente a escola para eventuais explicações.

Em anexo, segue uma cópia do instrumento que será utilizado.

Desde já agradecemos a Vossa disponibilidade,

Com os melhores cumprimentos,

Lisboa, 30 de Setembro de 2008

Cordialmente,

---

(Cláudia Candeias)

## **Anexo C: Carta de Consentimento Informado aos Pais**

### **Carta de consentimento informado**

Venho por este meio confirmar que tomei conhecimento do estudo que, Júlia Pereira e Cláudia Candeias, alunas do mestrado em Psicologia (área clínica) do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, ISPA, estão a desenvolver.

Foi solicitada a minha permissão para que o(s) meu(s) filho(s) pré-adolescente(s) colabore(m) neste estudo, um trabalho de recolha de dados, através de um questionário, acerca de comportamentos agressivos/delinquentes na pré-adolescência.

Fui informado de que todo o processo é anónimo e as identificações dos participantes, não serão de todo utilizadas.

Declaro que tomei conhecimento da inexistência de qualquer risco, por fazer parte nesta investigação, e dos benefícios da minha participação para um melhor conhecimento científico da área em questão.

Tomei conhecimento, do direito de desistência de participação no estudo em qualquer altura.

Autorizo o meu educando a colaborar neste estudo e assino onde indicado.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Lisboa, de de 200

Agradeço a sua colaboração.

Cláudia Candeias

## **Anexo D: Quadro de Posições Sociais**

### Quadro de Posições Sociais\*

#### Posição Social 1 – Classe Superior

Profissões liberais – médico; advogado; engenheiro; arquitecto  
Grande industrial ou grande comerciante  
Altos funcionários – magistrados judiciais  
Altos funcionários administrativos – directores gerais; directores de serviços;  
gerentes bancários  
Gestores de empresas  
Professores universitários  
Militares de alta patente

#### Posição Social 2 – Classe Média mais instruída

Professores não universitários e educadores de infância  
Médios comerciantes e industriais  
Funcionários médios – quadros técnicos  
Empregados bancários, seguros, etc.  
Empregados de escritório com, pelo menos, o 5º ano dos liceus  
Solicitador/enfermeira/assistente social  
Técnicos

#### Posição Social 3 – Classe Média menos instruída

Pequenos comerciantes e industriais  
Caixeiros viajantes  
Funcionários médios – quadros administrativos (1º oficial, etc)  
Empregados de escritório sem o 5º ano dos liceus  
Agentes da P.S.P. e de forças militarizadas  
Sargento  
Cabeleireiro(a)  
Capatazes e encarregados de obras

#### Posição Social 4 – Estrato Operário e Rural (trabalhadores manuais)

Operários  
Trabalhadores rurais  
Funcionários auxiliares (pessoal de limpeza; contínuos; porteiros; motoristas;  
varredores, etc.)  
Vendedores ambulantes e feirantes

\* Elaborado pela Área de Análise Social e Organizacional da Educação da Universidade do Minho. In De Castro, R.V. & Lima, L.C. (1987). Insucesso e selecção social na disciplina de português: O(s) discurso(s) dos professores – uma abordagem interdisciplinar. *Psicologia*, 5, 3, 299 – 310.

**Anexo E: Lista de Itens Constituintes das Subescalas do Questionário Youth Self Report**

Youth Self Report Listas de itens constituintes das Subescalas	
Subescala	Itens
1-Ansiedade/Depressão	14; 29; 30 ; 31; 32; 33; 35; 45; 50; 52; 71; 91; 112
2-Retraimento/Depressão	5; 42; 65; 69; 75; 102; 103; 111
3-Queixas Somáticas	47; 51; 54; 56a; 56b; 56c; 56d; 56e; 56f; 56g
4-Problemas Sociais	11; 12; 25; 27; 34; 36; 38; 48; 62; 64; 79
5-Problemas de Pensamentos	9; 18; 40; 46; 58; 66; 70; 76; 83; 84; 85; 100
6-Problemas de Atenção	1; 4; 8; 10; 13; 17; 41; 61; 78
7-Comportamentos Delinquentes	2; 26; 28; 39; 43; 63; 67; 72; 81; 82; 90; 96; 99; 101; 105
8-Comportamento Agressivo	3; 16; 19; 20; 21; 22; 23; 37; 57; 68; 86; 87; 89; 94; 95; 97; 104
9-Outros Problemas	7; 24; 44; 53; 55; 56h; 74; 77; 93; 110
10- Comportamentos Socialmente Desejáveis	6; 15; 49; 59; 60; 73; 80; 88; 92; 98; 106; 107; 108; 109



## Anexo F: Teste de Homogeneidade e Normalidade

### Comportamentos Agressivos:

Case Processing Summary

		Cases					
		Valid		Missing		Total	
		N	Percent	N	Percent	N	Percent
C_Agressivo	rapazes	154	100,0%	0	,0%	154	100,0%
	raparigas	159	100,0%	0	,0%	159	100,0%

Descriptives

sexo			Statistic	Std. Error
C_Agressivo	rapazes	Mean	,4943	,02671
		95% Confidence Interval for Mean		
		Lower Bound	,4415	
		Upper Bound	,5470	
		5% Trimmed Mean	,4787	
		Median	,4706	
		Variance	,110	
		Std. Deviation	,33150	
		Minimum	,00	
		Maximum	1,35	
		Range	1,35	
		Interquartile Range	,49	
		Skewness	,578	
		Kurtosis	-,445	
	raparigas	Mean	,4292	,02100
		95% Confidence Interval for Mean		
		Lower Bound	,3877	
		Upper Bound	,4706	
		5% Trimmed Mean	,4139	
		Median	,3529	
		Variance	,070	
		Std. Deviation	,26486	
		Minimum	,00	
		Maximum	1,35	
		Range	1,35	
		Interquartile Range	,35	
		Skewness	,875	
		Kurtosis	,349	

Tests of Normality

sexo		Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
C_Agressivo	rapazes	,126	154	,000	,950	154	,000
	raparigas	,148	159	,000	,934	159	,000

a. Lilliefors Significance Correction

**Test of Homogeneity of Variance**

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
C_Agressivo	Based on Mean	11,150	1	311	,001
	Based on Median	10,553	1	311	,001
	Based on Median and with adjusted df	10,553	1	310,843	,001
	Based on trimmed mean	10,915	1	311	,001

**Comportamentos de Oposição:**

**Case Processing Summary**

		Cases					
		Valid		Missing		Total	
		N	Percent	N	Percent	N	Percent
C_Oposição	rapazes	154	100,0%	0	,0%	154	100,0%
	raparigas	159	100,0%	0	,0%	159	100,0%

**Descriptives**

sexo			Statistic	Std. Error
C_Oposição	rapazes	Mean	,3065	,01921
		95% Confidence Interval for Mean		
		Lower Bound	,2685	
		Upper Bound	,3445	
		5% Trimmed Mean	,2884	
		Median	,2667	
		Variance	,057	
		Std. Deviation	,23843	
		Minimum	,00	
		Maximum	1,13	
		Range	1,13	
		Interquartile Range	,27	
		Skewness	1,119	,195
		Kurtosis	1,238	,389
	raparigas	Mean	,2105	,01643
		95% Confidence Interval for Mean		
		Lower Bound	,1780	
		Upper Bound	,2429	
		5% Trimmed Mean	,1894	
		Median	,1333	
		Variance	,043	
		Std. Deviation	,20712	
		Minimum	,00	
		Maximum	1,07	
		Range	1,07	
		Interquartile Range	,27	
		Skewness	1,440	,192
		Kurtosis	2,389	,383

### Tests of Normality

sexo		Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
C_Oposicao	rapazes	,157	154	,000	,909	154	,000
	raparigas	,174	159	,000	,859	159	,000

a. Lilliefors Significance Correction

### Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
C_Oposicao	Based on Mean	2,963	1	311	,086
	Based on Median	2,147	1	311	,144
	Based on Median and with adjusted df	2,147	1	310,948	,144
	Based on trimmed mean	2,776	1	311	,097

## Problemas de Externalização:

### Case Processing Summary

sexo		Cases					
		Valid		Missing		Total	
		N	Percent	N	Percent	N	Percent
S_Externalz	rapazes	154	100,0%	0	,0%	154	100,0%
	raparigas	159	100,0%	0	,0%	159	100,0%

### Tests of Normality

sexo		Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
S_Externalz	rapazes	,103	154	,000	,940	154	,000
	raparigas	,136	159	,000	,918	159	,000

a. Lilliefors Significance Correction

### Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
S_Externalz	Based on Mean	7,704	1	311	,006
	Based on Median	7,580	1	311	,006
	Based on Median and with adjusted df	7,580	1	309,852	,006
	Based on trimmed mean	7,885	1	311	,005

**Descriptives**

sexo			Statistic	Std. Error
S_Externalz	rapazes	Mean	,4004	,02075
		95% Confidence Interval for Mean		
		Lower Bound	,3594	
		Upper Bound	,4414	
		5% Trimmed Mean	,3865	
		Median	,3667	
		Variance	,066	
		Std. Deviation	,25754	
		Minimum	,00	
		Maximum	1,08	
		Range	1,08	
		Interquartile Range	,35	
		Skewness	,764	
		Kurtosis	-,064	
	raparigas	Mean	,3198	,01634
		95% Confidence Interval for Mean		
		Lower Bound	,2875	
		Upper Bound	,3521	
		5% Trimmed Mean	,3056	
		Median	,2510	
		Variance	,042	
		Std. Deviation	,20607	
		Minimum	,00	
		Maximum	1,03	
		Range	1,03	
		Interquartile Range	,25	
		Skewness	1,017	
		Kurtosis	,592	

## Anexo G: Comparação de géneros

### Mann-Whitney Test

**Ranks**

sexo	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Agressivo rapazes	154	164,33	25307,50
raparigas	159	149,90	23833,50
Total	313		
C_Oposicao rapazes	154	178,07	27423,00
raparigas	159	136,59	21718,00
Total	313		
S_Externalz rapazes	154	171,37	26391,00
raparigas	159	143,08	22750,00
Total	313		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Agressivo	C_Oposicao	S_Externalz
Mann-Whitney U	11113,500	8998,000	10030,000
Wilcoxon W	23833,500	21718,000	22750,000
Z	-1,414	-4,081	-2,765
Asymp. Sig. (2-tailed)	,157	,000	,006

a. Grouping Variable: sexo

## Caracterização das Subescalas com diferenças significativas entre géneros

### Género Masculino

Statistics		C_Oposição	S_Externalz
N	Valid	154	154
	Missing	0	0
Mean		,3065	,4004
Median		,2667	,3667
Mode		,20	,30
Minimum		,00	,00
Maximum		1,13	1,08
Percentiles	25	,1333	,2025
	50	,2667	,3667
	75	,4000	,5500

### Género Feminino

Statistics		C_Oposição	S_Externalz
N	Valid	159	159
	Missing	0	0
Mean		,2105	,3198
Median		,1333	,2510
Mode		,00	,15 <sup>a</sup>
Minimum		,00	,00
Maximum		1,07	1,03
Percentiles	25	,0667	,1765
	50	,1333	,2510
	75	,3333	,4275

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

## Anexo H: Teste Kruskal Wallis para Comparação de Idades no Género Masculino

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank
C_Agressivo	11	37	67,26
	12	38	73,80
	13	48	85,18
	14	31	82,37
	Total	154	
C_Oposicao	11	37	55,58
	12	38	73,95
	13	48	85,74
	14	31	95,26
	Total	154	
S_Externalz	11	37	59,89
	12	38	73,29
	13	48	86,56
	14	31	89,65
	Total	154	

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	C_Agressivo	C_Oposicao	S_Externalz
Chi-Square	4,021	15,910	10,389
df	3	3	3
Asymp. Sig.	,259	,001	,016

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade

## Anexo I: Testes Mann Whitney para verificar diferenças entre Idades dentro do Género Masculino

### Mann-Whitney Test

Ranks

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	11	37	33,93	1255,50
	12	38	41,96	1594,50
	Total	75		
S_Externalz	11	37	34,93	1292,50
	12	38	40,99	1557,50
	Total	75		

Test Statistics<sup>a</sup>

	C_Oposicao	S_Externalz
Mann-Whitney U	552,500	589,500
Wilcoxon W	1255,500	1292,500
Z	-1,608	-1,203
Asymp. Sig. (2-tailed)	,108	,229

a. Grouping Variable: Idade

### Mann-Whitney Test

Ranks

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	11	37	33,73	1248,00
	13	48	50,15	2407,00
	Total	85		
S_Externalz	11	37	34,66	1282,50
	13	48	49,43	2372,50
	Total	85		

Test Statistics<sup>a</sup>

	C_Oposicao	S_Externalz
Mann-Whitney U	545,000	579,500
Wilcoxon W	1248,000	1282,500
Z	-3,060	-2,735
Asymp. Sig. (2-tailed)	,002	,006

a. Grouping Variable: Idade



## Mann-Whitney Test

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposição	11	37	25,92	959,00
	14	31	44,74	1387,00
	Total	68		
S_Externalz	11	37	28,30	1047,00
	14	31	41,90	1299,00
	Total	68		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposição	S_Externalz
Mann-Whitney U	256,000	344,000
Wilcoxon W	959,000	1047,000
Z	-3,936	-2,826
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,005

a. Grouping Variable: Idade

## Mann-Whitney Test

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposição	12	38	40,05	1522,00
	13	48	46,23	2219,00
	Total	86		
S_Externalz	12	38	39,67	1507,50
	13	48	46,53	2233,50
	Total	86		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposição	S_Externalz
Mann-Whitney U	781,000	766,500
Wilcoxon W	1522,000	1507,500
Z	-1,146	-1,266
Asymp. Sig. (2-tailed)	,252	,206

a. Grouping Variable: Idade

## Mann-Whitney Test

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	12	38	30,93	1175,50
	14	31	39,98	1239,50
	Total	69		
S_Externalz	12	38	31,63	1202,00
	14	31	39,13	1213,00
	Total	69		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposicao	S_Externalz
Mann-Whitney U	434,500	461,000
Wilcoxon W	1175,500	1202,000
Z	-1,874	-1,544
Asymp. Sig. (2-tailed)	,061	,122

a. Grouping Variable: Idade

## Mann-Whitney Test

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	13	48	38,36	1841,50
	14	31	42,53	1318,50
	Total	79		
S_Externalz	13	48	39,60	1901,00
	14	31	40,61	1259,00
	Total	79		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposicao	S_Externalz
Mann-Whitney U	665,500	725,000
Wilcoxon W	1841,500	1901,000
Z	-,795	-,191
Asymp. Sig. (2-tailed)	,427	,849

a. Grouping Variable: Idade

## Anexo J: Teste Kruskal Wallis para Comparação de Idades no Género Feminino

### Kruskal-Wallis Test

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank
C_Agressivo	11	35	73,06
	12	44	78,58
	13	52	80,99
	14	28	89,07
	Total	159	
C_Oposicao	11	35	75,76
	12	44	67,59
	13	52	82,18
	14	28	100,75
	Total	159	
S_Externalz	11	35	73,36
	12	44	71,48
	13	52	82,63
	14	28	96,80
	Total	159	

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	C_Agressivo	C_Oposicao	S_Externalz
Chi-Square	1,962	9,487	6,138
df	3	3	3
Asymp. Sig.	,580	,023	,105

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Idade

**Anexo K: Testes Mann Whitney para verificar diferenças entre Idades dentro do Género Feminino**

**Mann-Whitney Test**

Ranks				
	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	11	35	42,49	1487,00
	12	44	38,02	1673,00
	Total	79		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposicao
Mann-Whitney U	683,000
Wilcoxon W	1673,000
Z	-,872
Asymp. Sig. (2-tailed)	,383

a. Grouping Variable: Idade

**Mann-Whitney Test**

Ranks				
	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	11	35	42,20	1477,00
	13	52	45,21	2351,00
	Total	87		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposicao
Mann-Whitney U	847,000
Wilcoxon W	1477,000
Z	-,552
Asymp. Sig. (2-tailed)	,581

a. Grouping Variable: Idade

## Mann-Whitney Test

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	12	44	43,99	1935,50
	13	52	52,32	2720,50
	Total	96		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposicao
Mann-Whitney U	945,500
Wilcoxon W	1935,500
Z	-1,480
Asymp. Sig. (2-tailed)	,139

a. Grouping Variable: Idade

## Mann-Whitney Test

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	11	35	27,07	947,50
	14	28	38,16	1068,50
	Total	63		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposicao
Mann-Whitney U	317,500
Wilcoxon W	947,500
Z	-2,412
Asymp. Sig. (2-tailed)	,016

a. Grouping Variable: Idade

## Mann-Whitney Test

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	12	44	30,58	1345,50
	14	28	45,80	1282,50
	Total	72		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposicao
Mann-Whitney U	355,500
Wilcoxon W	1345,500
Z	-3,039
Asymp. Sig. (2-tailed)	,002

a. Grouping Variable: Idade

## Mann-Whitney Test

**Ranks**

	Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
C_Oposicao	13	52	37,65	1958,00
	14	28	45,79	1282,00
	Total	80		

**Test Statistics<sup>a</sup>**

	C_Oposicao
Mann-Whitney U	580,000
Wilcoxon W	1958,000
Z	-1,504
Asymp. Sig. (2-tailed)	,133

a. Grouping Variable: Idade

## Anexo L: Caracterização das Idades onde existem diferenças significativas no Género Masculino

### Género Masculino 14 Anos

		Media Comp Oposição	Media Síndrome Externalização
N	Valid	31	31
	Missing	0	0
Mean		,3828	,4504
Median		,3333	,4431
Mode		,40	,25 <sup>a</sup>
Minimum		,07	,10
Maximum		1,13	1,07
Percentiles	25	,2000	,2882
	50	,3333	,4431
	75	,4000	,5412

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

### Frequency Table

Media Comp Oposição				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid ,07	1	3,2	3,2	3,2
,13	2	6,5	6,5	9,7
,20	5	16,1	16,1	25,8
,27	5	16,1	16,1	41,9
,33	4	12,9	12,9	54,8
,40	7	22,6	22,6	77,4
,53	3	9,7	9,7	87,1
,60	1	3,2	3,2	90,3
,73	1	3,2	3,2	93,5
1,00	1	3,2	3,2	96,8
1,13	1	3,2	3,2	100,0
Total	31	100,0	100,0	

**Media Síndrome Externalização**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
,10	1	3,2	3,2	3,2
,12	1	3,2	3,2	6,5
,13	1	3,2	3,2	9,7
,22	1	3,2	3,2	12,9
,25	2	6,5	6,5	19,4
,28	1	3,2	3,2	22,6
,29	1	3,2	3,2	25,8
,30	1	3,2	3,2	29,0
,31	1	3,2	3,2	32,3
,31	1	3,2	3,2	35,5
,36	1	3,2	3,2	38,7
,38	2	6,5	6,5	45,2
,44	1	3,2	3,2	48,4
,44	1	3,2	3,2	51,6
,45	1	3,2	3,2	54,8
,46	1	3,2	3,2	58,1
,46	2	6,5	6,5	64,5
,46	1	3,2	3,2	67,7
,52	2	6,5	6,5	74,2
,54	1	3,2	3,2	77,4
,58	1	3,2	3,2	80,6
,65	1	3,2	3,2	83,9
,74	1	3,2	3,2	87,1
,77	1	3,2	3,2	90,3
,83	1	3,2	3,2	93,5
,90	1	3,2	3,2	96,8
1,07	1	3,2	3,2	100,0
Total	31	100,0	100,0	

**Género Masculino 13 Anos:**

**Statistics**

		Media Comp Oposição	Media Síndrome Externalizaça o
N	Valid	48	48
	Missing	0	0
Mean		,3472	,4444
Median		,2667	,4353
Mode		,20	,44
Minimum		,00	,03
Maximum		1,07	1,08
Percentiles	25	,2000	,2118
	50	,2667	,4353
	75	,5167	,6348



## Frequency Table

**Media Comp Oposição**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	,00	3	6,3	6,3	6,3
	,07	3	6,3	6,3	12,5
	,13	4	8,3	8,3	20,8
	,20	10	20,8	20,8	41,7
	,27	6	12,5	12,5	54,2
	,33	1	2,1	2,1	56,3
	,40	6	12,5	12,5	68,8
	,47	3	6,3	6,3	75,0
	,53	5	10,4	10,4	85,4
	,60	1	2,1	2,1	87,5
	,67	3	6,3	6,3	93,8
	,80	1	2,1	2,1	95,8
	1,07	2	4,2	4,2	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

**Media Síndrome Externalização**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	.03	1	2,1	2,1	2,1
	.06	1	2,1	2,1	4,2
	.09	1	2,1	2,1	6,3
	.13	1	2,1	2,1	8,3
	.16	2	4,2	4,2	12,5
	.16	1	2,1	2,1	14,6
	.18	1	2,1	2,1	16,7
	.18	2	4,2	4,2	20,8
	.19	1	2,1	2,1	22,9
	.21	1	2,1	2,1	25,0
	.22	2	4,2	4,2	29,2
	.25	1	2,1	2,1	31,3
	.25	1	2,1	2,1	33,3
	.30	1	2,1	2,1	35,4
	.34	1	2,1	2,1	37,5
	.36	1	2,1	2,1	39,6
	.37	1	2,1	2,1	41,7
	.41	1	2,1	2,1	43,8

.42	1	2.1	2.1	45.8
.44	3	6.3	6.3	52.1
.44	1	2.1	2.1	54.2
.45	2	4.2	4.2	58.3
.53	1	2.1	2.1	60.4
.55	1	2.1	2.1	62.5
.55	1	2.1	2.1	64.6
.57	2	4.2	4.2	68.8
.59	1	2.1	2.1	70.8
.61	1	2.1	2.1	72.9
.62	1	2.1	2.1	75.0
.64	1	2.1	2.1	77.1
.67	1	2.1	2.1	79.2
.68	2	4.2	4.2	83.3
.71	1	2.1	2.1	85.4
.71	1	2.1	2.1	87.5
.75	2	4.2	4.2	91.7
.80	1	2.1	2.1	93.8
.83	1	2.1	2.1	95.8
.92	1	2.1	2.1	97.9
1.08	1	2.1	2.1	100.0
Total	48	100.0	100.0	

### Género Masculino 11 anos

Statistics

		Media Comp Oposição	Media Síndrome Externalizaçã o
N	Valid	37	37
	Missing	0	0
Mean		,2018	,3092
Median		,1333	,2431
Mode		,07	,03 <sup>a</sup>
Minimum		,00	,00
Maximum		,80	,99
Percentiles	25	,0667	,1510
	50	,1333	,2431
	75	,2667	,4275

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

S

## Frequency Table

**Media Comp Oposição**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	,00	6	16,2	16,2	16,2
	,07	7	18,9	18,9	35,1
	,13	6	16,2	16,2	51,4
	,20	5	13,5	13,5	64,9
	,27	5	13,5	13,5	78,4
	,33	5	13,5	13,5	91,9
	,67	1	2,7	2,7	94,6
	,73	1	2,7	2,7	97,3
	,80	1	2,7	2,7	100,0
Total		37	100,0	100,0	

**Media Síndrome Externalização**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative
Valid	,00	1	2,7	2,7	2,7
	,03	2	5,4	5,4	8,1
	,06	1	2,7	2,7	10,8
	,06	1	2,7	2,7	13,5
	,09	1	2,7	2,7	16,2
	,12	1	2,7	2,7	18,9
	,15	1	2,7	2,7	21,6
	,15	2	5,4	5,4	27,0
	,15	2	5,4	5,4	32,4
	,16	1	2,7	2,7	35,1
	,19	1	2,7	2,7	37,8
	,21	1	2,7	2,7	40,5
	,21	2	5,4	5,4	45,9
	,22	1	2,7	2,7	48,6
	,24	1	2,7	2,7	51,4
	,25	1	2,7	2,7	54,1
	,30	2	5,4	5,4	59,5
	,34	1	2,7	2,7	62,2

	,37	1	2,7	2,7	64,9
	,37	2	5,4	5,4	70,3
	,42	1	2,7	2,7	73,0
	,42	1	2,7	2,7	75,7
	,43	1	2,7	2,7	78,4
	,45	1	2,7	2,7	81,1
	,49	1	2,7	2,7	86,5
	,55	1	2,7	2,7	89,2
	,58	1	2,7	2,7	91,9
	,80	1	2,7	2,7	94,6
	,93	1	2,7	2,7	97,3
	,99	1	2,7	2,7	100,0
Total		37	100,0	100,0	

**Anexo M: Caracterização das Idades onde existem diferenças significativas no Género Feminino.**

**Género Feminino 14Anos:**

**Statistics**

**Media Comp Oposicao**

N	Valid	28
	Missing	0
Mean		,2976
Median		,2667
Mode		,27
Minimum		,00
Maximum		,93
Percentiles	25	,1333
	50	,2667
	75	,4000

**Media Comp Oposicao**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid ,00	1	3,6	3,6	3,6
,07	4	14,3	14,3	17,9
,13	4	14,3	14,3	32,1
,20	4	14,3	14,3	46,4
,27	5	17,9	17,9	64,3
,33	2	7,1	7,1	71,4
,40	3	10,7	10,7	82,1
,53	1	3,6	3,6	85,7
,60	1	3,6	3,6	89,3
,67	1	3,6	3,6	92,9
,80	1	3,6	3,6	96,4
,93	1	3,6	3,6	100,0
Total	28	100,0	100,0	

**Género Feminino 12 anos**

**Statistics**

**Media Comp Oposicao**

N	Valid	44
	Missing	0
Mean		,1636
Median		,1333
Mode		,00
Minimum		,00
Maximum		1,07
Percentiles	25	,0000
	50	,1333
	75	,2000

**Media Comp Oposicao**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid ,00	13	29,5	29,5	29,5
,07	7	15,9	15,9	45,5
,13	7	15,9	15,9	61,4
,20	7	15,9	15,9	77,3
,27	3	6,8	6,8	84,1
,33	3	6,8	6,8	90,9
,47	2	4,5	4,5	95,5
,60	1	2,3	2,3	97,7
1,07	1	2,3	2,3	100,0
Total	44	100,0	100,0	

**Statistics**

Media Comp Oposicao

N	Valid	35
	Missing	0
Mean		,1714
Median		,1333
Mode		,13
Minimum		,00
Maximum		,53
Percentiles	25	,0667
	50	,1333
	75	,2667

**Media Comp Oposicao**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid ,00	5	14,3	14,3	14,3
,07	7	20,0	20,0	34,3
,13	10	28,6	28,6	62,9
,20	4	11,4	11,4	74,3
,27	1	2,9	2,9	77,1
,33	5	14,3	14,3	91,4
,47	2	5,7	5,7	97,1
,53	1	2,9	2,9	100,0
Total	35	100,0	100,0	